



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO

JAQUELINE ANDREZA DE GODOY STENICO

**SENTIDOS SOBRE O ESPAÇO URBANO
NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

CAMPINAS
2022

JAQUELINE ANDREZA DE GODOY STENICO

**SENTIDOS SOBRE O ESPAÇO URBANO
NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias.

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Jaqueline Andreza de Godoy Stenico e orientada pela Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias.

CAMPINAS
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

St42s Stenico, Jaqueline Andreza de Godoy, 1990-
Sentidos sobre o espaço urbano na rede social Facebook / Jaqueline
Andreza de Godoy Stenico. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Cristiane Pereira Costa Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Comunicação digital. 2. Saber urbano. 3. Linguagem. 4. Divulgação. I.
Dias, Cristiane Pereira, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Senses about urban space on the social network Facebook

Palavras-chave em inglês:

Digital communication

Urban knowledge

Language

Disclosure

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Cristiane Pereira Costa Dias [Orientador]

Renata Oliveira Carreon

André Silva Barbosa

Data de defesa: 29-11-2022

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-9551-7808>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7103797885888162>



BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cristiane Pereira Costa Dias

Profa. Dra. Renata de Oliveira Carreon

Prof. Dr. André Silva Barbosa

IEL/UNICAMP 2022

Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL.

Com amor, aos meus pais.

José Carlos Stênico
Maria de Lourdes Franco Godoy Stênico

AGRADECIMENTOS

A Deus, Dele, por Ele e para Ele a concretização deste trabalho.

Aos meus amados pais, José Carlos Stênico e Maria de Lourdes Franco de Godoy Stênico por me orientar, desde sempre, pelo carinho, suporte, incentivo, conselhos, cuidado com excesso de zelo, amor e estímulo na longa jornada percorrida até a conclusão deste trabalho.

A minha irmã, Joselaine Andréia de Godoy Stênico pelo amor, gentileza, paciência, incentivo, apoio constante, auxílio, suporte espiritual e pelo sorriso acolhedor durante a realização até a conclusão deste trabalho. Obrigada por tanto, por tudo!

Aos meus irmãos, Jeferson Wilian de Godoy Stênico, Lilian Masserani Stênico, a minha sobrinha Emanuele Masserani Stênico pelo amor, os momentos de incentivo, apoio e de alegria nessa jornada.

A Charlotte Stênico, Frederico Masserani Stênico e Margarette Masserani Stênico pelo amor, alegria constante, carinho e estímulo nessa jornada.

A vocês, minha família, sou eternamente grata pelo amor e apoio incondicional em todos os momentos da vida.

A minha orientadora, Professora Dra. Cristiane Pereira Costa Dias: Agradeço o comprometimento e conhecimento durante todo o percurso da pesquisa. Obrigada por acreditar nesta pesquisa e colaborar sobremaneira com a mesma.

Aos companheiros de mestrado e amigos, sobretudo, Fernanda Gonçalves Pimentel e Andressa Alejandra Fernandes Alday, da qual trago, com carinho os momentos de incentivo, apoio, auxílio e de alegrias. Obrigada pela amizade.

Aos Professores do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da UNICAMP.

A banca examinadora de qualificação e defesa, Professor Dr. Marcos Aurélio Barbai, Professora Dra. Renata de Oliveira Carreon, Professor Dr. André Silva Barbosa, Professora Dra. Elaine Marangoni, que gentilmente aceitaram participar desse importante momento e também pelas valiosas contribuições e sugestões conferidas a este trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa se dedica a compreender o imaginário produzido pelo digital sobre o espaço urbano e a divulgação científica e cultural. De modo mais específico, centra-se na análise das páginas das Prefeituras de Manaus, Salvador e São Paulo no Facebook como “materialidade digital” dos processos de produção e funcionamento do imaginário sobre o conhecimento textualizado nas publicações sobre o cotidiano da cidade. O questionamento central da pesquisa é: Quais conhecimentos são divulgados nessas páginas oficiais para que se produza determinado sentido sobre a cidade? Desse modo, compreender o funcionamento do imaginário a respeito do espaço urbano que se produz pela divulgação de saberes do cotidiano pelo digital é a problemática desta pesquisa. A discussão teórica se dá pela construção de um dispositivo capaz de levar à compreensão dos efeitos da divulgação no cotidiano dos sujeitos, bem como contribuir para as reflexões sobre o imaginário, configurando novas identidades e mudanças significativas nos modos de subjetivação. Nessa perspectiva, o imaginário e o real se apresentam como dimensões constitutivas do social, em um processo de atualização dos sentidos, imbricando e não opondo elementos do cotidiano e da ciência. O imaginário e o real não se distinguem, senão arbitrariamente. Quando a pesquisa se volta ao campo do digital dando ênfase ao digital na cidade, doravante e-urbano, vislumbra-se a possibilidade de estudar as novas formas de socialização e apropriação do espaço público urbano. A relevância deste estudo está na compreensão do modo como as ferramentas tecnológicas afetam o espaço urbano e os conhecimentos. Para tanto, faremos, no percurso da pesquisa, leitura, descrições e interpretações, nas páginas oficiais das Prefeituras no Facebook. Já no que se refere ao método de análise será utilizado a Análise do Discurso de acordo com Michel Pêcheux e Eni Orlandi. O projeto traz em seu bojo os limites e os desafios da questão do imaginário para compreender os sentidos e as formas da divulgação da ciência e da cultura e seus efeitos na constituição de sentido para/sobre/dos grandes centros urbanos. Além disso, o estudo e as reflexões a respeito do imaginário podem contribuir para o conhecimento sobre a relação da divulgação científica e cultural e o saber urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Digital. Saber urbano e linguagem. Divulgação.

ABSTRACT

This research is dedicated to understanding the imagery produced by the digital about urban space and scientific and cultural dissemination. More specifically, it focuses on the analysis of the pages of the Municipalities of Manaus, Salvador and São Paulo on Facebook as “digital materiality” of the production processes and functioning of the imaginary on textualized knowledge in publications about the daily life of City. The central question of the research is: What knowledge is disseminated in these official pages so that a certain sense of the city can be produced? Thus, understanding the functioning of the imaginary about the urban space produced by the dissemination of everyday knowledge through the digital is the problem of this research. The theoretical discussion takes place through the construction of a device capable of leading to an understanding of the effects of disclosure in the daily lives of subjects, as well as contributing to reflections on the imaginary, configuring new identities and significant changes in the modes of subjectivation. From this perspective, the imaginary and the real are presented as constitutive dimensions of the social, in a process of updating meanings, intertwining and not opposing elements of everyday life and science. The imaginary and the real are not distinguished, but arbitrarily. When the research turns to the digital field, emphasizing the digital in the city, henceforth e-urban, the possibility of studying new forms of socialization and appropriation of urban public space is glimpsed. The relevance of this study lies in understanding how technological tools affect urban space and knowledge. For that, we will do, in the course of the research, reading, descriptions and interpretations, on the official pages of the city halls on Facebook. As for the method of analysis, Discourse Analysis will be used according to Michel Pêcheux and Eni Orlandi. The project brings in its core the limits and challenges of the imaginary issue in order to understand the meanings and ways of disseminating science and culture and their effects on the constitution of meaning for/about/of large urban centers. In addition, the study and reflections on the imaginary can contribute to knowledge about the relationship between scientific and cultural dissemination and urban knowledge.

KEYWORDS: Digital. Urban knowledge and language. Disclosure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Reações do Facebook (espectro).	53
Figura 2	Página da Prefeitura de Manaus no Facebook.	66
Figura 3	Brasão da cidade de Manaus.	67
Figura 4	Post com maior quantidade de “curtir” da Prefeitura de Manaus em 28 de outubro de 2020.	70
Figura 5	Post com maior quantidade de “compartilhar” da Prefeitura de Manaus em 2 de outubro de 2020.	72
Figura 6	Página da Prefeitura de Salvador no Facebook.	75
Figura 7	Brasão da cidade de Salvador.	75
Figura 8	Post com maior quantidade de “curtir” e “compartilhar” da Prefeitura de Salvador em 23 de março de 2020.	77
Figura 9	Página da Prefeitura de São Paulo no Facebook.	80
Figura 10	Brasão da cidade de São Paulo.	81
Figura 11	Post com maior quantidade de “curtir” da Prefeitura de São Paulo em 26 de janeiro de 2020.	83
Figura 12	Post com maior quantidade de “compartilhar” da Prefeitura de São Paulo em 4 de janeiro de 2020.	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
 CAPÍTULO 1	
OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	14
1.1 Análise do Discurso: Conceitos Fundamentais	14
1.2 O Discurso e os Processos de Produção do Discurso	18
1.3 Formação Discursiva e o Interdiscurso	20
1.4 Formação Ideológica e a Ideologia	23
1.5 A Condição de Produção do Discurso: O não Dito e o Silêncio	25
1.6 O Sujeito e a Ideologia	28
1.7 O sentido	36
1.8 Formação imaginária	37
1.9 O Conceitos Fundantes da Análise do Discurso e sua relação com a Pesquisa	39
 CAPÍTULO 2	
O ESPAÇO DIGITAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO	40
2.1 O discurso digital e as mídias	40
2.2 A cidade no digital: o discurso no e-urbano	43
2.3 As redes sociais e o Facebook	48
2.4 Considerações do capítulo	59
 CAPÍTULO 3	
A REDE SOCIAL FACEBOOK: ANÁLISE DO DISCURSO DAS PÁGINAS DAS PREFEITURAS DE CIDADES BRASILEIRAS	62
3.1 Da ordem da interpretação antes das análises	62
3.2 Considerações preliminares sobre as análises	64
3.2.1 Descrição dos critérios de escolha das cidades	64
3.2.2 Descrição dos critérios de escolha dos post's	64

3.3	MANAUS	65
3.3.1	Análise do Discurso da foto da capa e do perfil da Prefeitura de Manaus no Facebook	65
3.3.2	Análise do Discurso dos post's coletados da Prefeitura de Manaus no Facebook	68
3.4	SALVADOR	74
3.4.1	Análise do Discurso da foto da capa e do perfil da Prefeitura de Salvador no Facebook	74
3.4.2	Análise do Discurso dos post's coletados da Prefeitura de Salvador no Facebook	76
3.5	SÃO PAULO	80
3.5.1	Análise do Discurso da foto da capa e do perfil da Prefeitura de São Paulo no Facebook	80
3.5.2	Análise do Discurso dos post's coletados da Prefeitura de São Paulo no Facebook	82
3.6	Principais resultados das análises: reflexões e discussões	86
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5	REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se dedica a realizar a Análise do Discurso (AD) das publicações das páginas das Prefeituras de Manaus, Salvador e São Paulo junto a rede social Facebook. De modo mais específico, busca-se compreender, pela análise das marcas e propriedades discursivas dessas postagens, como o espaço urbano está ligado ao espaço digital, identificando as questões do funcionamento do discurso urbano e quais os sentidos são produzidos sobre a cidade.

Assim, o questionamento central desta pesquisa é: Qual discurso e quais conhecimentos são divulgados nessas páginas oficiais para que se produza determinado sentido sobre a cidade? Para entender os sentidos dos recortes, entendemos que empreender a AD possibilita um recurso para explicar como se constrói o sentido do texto e como ele se articula com a história e a sociedade que o produziu, portanto, oferece os meios robustos para a reflexão sobre a estrutura e a geração do sentido do texto. Em outras palavras, nossas análises recaem sobre temáticas que envolvem a mídia, as redes sociais, o urbano e o digital, buscando compreender o modo como o digital e o urbano se constituem.

É importante ressaltar a AD como ciência da linguagem ao utilizar como metodologia para entender todos esses processos, deve-se ao fato que, como veremos nos capítulos posteriores, a AD possibilita uma leitura no sentido forte, colocando o dito em relação ao não-dito, permitindo uma melhor compreensão dos objetos a serem estudados. Para nós, utilizar a AD permitirá identificar os limites entre o discurso e o texto, há outras questões sobremaneira importantes, tal como a ideologia e as condições de produção, por exemplo.

Assim, para nossas análises, consideraremos que a linguagem, enquanto discurso, não é neutra e que pelo fato do sujeito estar inserido em determinado espaço e tempo, ele é ideológico e histórico e, portanto, o sujeito se posiciona em relação ao discurso outro, ao interdiscurso que o determina, resultante da relação com o social, ideológico e histórico, com isso, o sujeito não apenas produz o seu discurso, ele também reproduz, interpelado pela ideologia, porém acredita ser livre e que produz seus discursos com recursos próprios, sem interferência de algo ou outro.

Desse modo, a relevância deste estudo está na compreensão do modo como o discurso digital, em seu modo de circulação, afeta o espaço urbano e os

conhecimentos. Interpretar os sentidos, descobrir as marcas estruturais e ideológicas das publicações das Prefeituras junto ao Facebook são algumas de nossas tarefas nesta pesquisa.

O trabalho está assim estruturado: esta introdução, apresentando os principais objetivos da pesquisa, na sequência, apresentamos os capítulos 1 e 2 que traz a fundamentação teórica do objeto de estudo, trazendo os principais elementos que constituem a AD e algumas reflexões e, posteriormente, no capítulo 3, apresentamos a análise dos recortes coletados junto ao Facebook e, por fim, conclui-se com as considerações finais e propostas futuras.

CAPÍTULO 1

OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Este capítulo tem como principal objetivo trazer os conceitos fundantes da Análise do Discurso (AD). Trata-se de um capítulo essencialmente teórico na tentativa de mapear a construção dos principais conceitos, as questões, as dimensões e concepções da AD e seus dispositivos, permitindo, assim, compreender o contexto histórico da construção intelectual de Pêcheux e as bases teórico-metodológicas da Análise do Discurso.

1.1 ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Michel Pêcheux, filósofo francês, é considerado precursor da AD desenvolvida na França entre as décadas de 1960 e 1970. Pêcheux baseou-se em estudos realizados por Canguilhem e Althusser para proposição de sua teoria. A AD surge, inicialmente, com a finalidade de estudar o contexto das inquietações sociopolíticas de 1960 e também com o objetivo de compreender o sentido não explícito no discurso, permitindo identificar as construções ideológicas de um texto e conhecer o caráter histórico da linguagem.

Ela se debruça, inicialmente, sobre os discursos políticos, de composição bem marcada: discurso de esquerda versus discurso de direita. Para analisar esses discursos, a AD, definida inicialmente como o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado, não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é, a analisar só a parte gramatical da língua, a palavra e a frase. Ela leva em conta outros aspectos externos à língua, mas que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem (BRANDÃO et al, 2009, p. 21-22).

A AD perpassa os campos da comunicação e da linguística, abarcando o materialismo histórico como a teoria das formações sociais e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos semânticos. De acordo com Orlandi (1994), a AD se funda no entremeio da Linguística com as Ciências Sociais. O sentido da relação entre essas disciplinas se constituiu e se caracteriza a partir da singularidade da forma de conhecimento de cada uma, estabelecendo como ponto de apoio a reflexão que produz sobre o sujeito e o sentido, concebendo sua prática na relação de contradição entre diferentes formas de conhecimento.

Do mesmo modo, Guimarães (2009) afirma que a AD pode ser definida como uma prática linguística presente no campo científico da comunicação, cujo foco se fundamenta em analisar a estrutura de um texto e compreender suas construções ideológicas (GUIMARÃES, 2009). A ciência da linguagem a AD surgiu com o intuito de solucionar as insuficiências presentes na Análise do Conteúdo, técnica vigente que se pauta em analisar somente o conteúdo presente no texto, Orlandi (2001), por sua vez, evidencia que a AD não deseja somente alcançar o conhecimento sobre o que o texto quer dizer, mas sim entender o modo como esse texto significa, inclinando-se para o contexto no qual a linguagem é produzida, contribuindo, assim, na constituição do homem em sua história.

Segundo Orlandi (2005a), a AD entende a linguagem como uma intercessão vital entre o homem e a realidade natural e social, na qual compreende o discurso como a palavra em movimento e prática de linguagem. Para a autora, a palavra “discurso”, etimologicamente, possui a ideia de movimento, de curso e percurso e, assim, o estudo do discurso atenta sobre o homem dizendo e, ainda, “(...) A Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2005a, p. 16).

Para Orlandi (2005a), a AD tem como suporte um conceito não subjetivo da leitura que ocorre por meio de uma relação própria e crítica da AD com a linguística. Esta relação, inclui o sujeito, mas concomitantemente, o descentra e, assim, não o considera proveniente e responsável pelo sentido produzido, embora conceitue parte do processo de produção. Pêcheux (2009) afirma que para a AD, a língua é estruturada como materialidade linguística, em que permite servir como base para a conjuntura do discurso e é a partir dela que é proporcionada a compreensão do discurso e o efeito de sentido, assim, toda a forma de conhecimento, pesquisa e compreensão dos objetos se dá a partir da correlação entre a linguagem e suas condições de produção. A teoria da AD define, portanto, o discurso como efeito de sentido entre locutores, considerando os sujeitos nas suas relações com o mundo, com a linguagem e com o sentido, tendo em vista que essa relação não é transparente, mas se constitui a partir dos procedimentos históricos sociais de produção.

Pêcheux (2009) afirma que o sujeito ao enunciar o “eu” (ego), o faz com base em sua inscrição no simbólico e introduzido a uma relação imaginária com a “realidade” a partir do agir, pensar e ser. Essa relação determinada com a “realidade” é da ordem do imaginário, algo que é produzido após a entrada do sujeito no simbólico, que para o autor, impede que o sujeito descubra e identifique sua determinação pelo Outro. O imaginário, para a Análise do Discurso, é considerado como “(...) a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p. 82-83). A partir daí, cabe contextualizar a sociedade em rede e as tecnologias às quais estão filiadas.

A produção de sentido não se dá a partir das mensagens e os códigos, mas é necessário o conjunto de tudo que relaciona o sujeito com a memória, para que assim os sentidos possam se produzir. O sentido não está apenas nas palavras, mas sim aquém e além delas, é constituído pelo contexto histórico, social, político e ideológico. Assim, a historicidade em AD se faz presente, pois para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já faça sentido no interdiscurso¹, no efeito do já-dito e no Outro. O sujeito ao falar, associa-se às redes de sentido, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente e, desse modo, as escolhas feitas pelos sujeitos são determinadas pela relação do mesmo com a história, a língua e pelas experiências de mundo, por meio da ideologia (ORLANDI, 2011). A ideologia, de acordo com Orlandi (2011), é a interpretação de sentidos em certa direção, visando que essa relação seja determinada pela história e a linguagem em seus mecanismos imaginários.

As práxis linguísticas empregam a interação entre discurso e contexto social vigente, assim como a análise é estruturada de acordo com o contexto ideológico no qual as reflexões são realizadas através do diagnóstico sociopolítico em que o discurso foi executado. A crítica do discurso abrange todo o momento histórico, visando interpretar e compreender a ideologia presente no texto. Partindo desse pressuposto, a abordagem analítica discursiva proporcionou o surgimento e difusão de novas perspectivas críticas de discurso (BARROS, 2001).

Orlandi (2005a) evidencia ainda que a AD não trabalha a convicção de que o conhecimento já está pronto e, por isso, pode ser usado e assimilado pelo sujeito,

¹ Para Pêcheux (2009), o interdiscurso é constituído de um discurso em relação a outro já existente como o “discurso de um sujeito” já o que concerne o intradiscurso o autor afirma que é como a matéria linguística, ideológica, literária, simbólica dentre outras.

pois este conhecimento parte de sua concepção que está em circulação e, então, os sujeitos produzem sentidos por meio deles. É a partir dessa relação que o sujeito possui esses conhecimentos e demais saberes. Dessa maneira, a AD é uma ciência da linguagem que se fundamenta no estudo do contexto histórico para a interpretação das correntes ideológicas e das motivações do discurso e na produção de sentido que ocorre na relação entre a língua, o sujeito e a história. Um dos principais objetivos é compreender as ideologias no interior dos discursos. Para fazer essa tarefa é necessário saber o conceito de discurso, é nesse contexto que a AD se alia a teoria do discurso. Pensando no que é comum nas diferentes perspectivas, pode-se dizer que o discurso é o efeito de sentido que ocorre entre interlocutores.

Análise do Discurso, para Orlandi (1984), refere-se à noção de recortes discursivos, trata-se de uma ação discursiva no qual possibilita recortar, fragmentar o objeto de pesquisa e cada fragmento é apresentado como uma unidade de análise, constituída por uma forma material. O recorte se estabelece como uma unidade discursiva, que é constituída por fragmentos vinculados a uma 'linguagem-e-situação'. A autora evidencia ainda que o(s) critério(s) de seleção dos recortes pode(m) variar "(...) segundo os tipos de discursos, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise" (ORLANDI, 1984, p. 14). É por meio do recorte que possibilita definir como uma forma material, tomada em sua especificidade, que é linguística e histórica, produz sentidos.

Na Análise do Discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz "x", o não dito "y" permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de "x". Isto é uma formação discursiva pressupõe uma outra (ORLANDI, 2005a, p. 82).

A AD, segundo Orlandi (1994), desempenha um papel fundamental ao que tange em diferentes ordens de conhecimento, pois ela atua tanto na ordem própria da linguagem quanto na exterioridade, visando não apenas associar o que possivelmente esteja separado, mas também dedicar-se a essa tal separação. Desse modo, a AD acredita que a interpretação não é simplesmente um ato de decodificação e de apreensão dos sentidos. Interpretar não é atribuir sentidos, mas sim de evidenciar a opacidade do texto, ou seja, é evidenciar como um objeto simbólico produz sentido.

Assim, de todo o dito até aqui, observa-se que o discurso e o texto são conceitos essenciais em AD, enquanto o primeiro está relacionado a prática social de

produzir textos, tratando-se, portanto, de uma construção social, o segundo está relacionado ao produto final da atividade discursiva. O discurso produzido por meio de um texto permite identificar a visão de mundo do autor e da sociedade que este vive, considerando o contexto histórico-social e suas condições de produção.

1.2 O DISCURSO E OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

A noção de discurso, no senso comum, geralmente, remete-se aos pronunciamentos praticados por autoridades políticas, nos chamados “discursos políticos”, entretanto, no campo da AD, Pêcheux (2010) afirma que o discurso corresponde ao efeito de sentidos entre locutores no qual evidencia as marcas da articulação da língua com a história para significar o mundo, em outras palavras, o discurso é a história na língua, constituído basicamente pela língua, pelo sujeito e pela história. O discurso não deve ser pensado apenas na esfera individual da fala, mas sim na esfera social, enquanto um processo que é determinado pela base linguística, perpassando as questões das relações de classe e de uma formação social dada. Nota-se, portanto, que Pêcheux remete o discurso ao efeito de sentidos justamente porque nesse processo, os sujeitos são afetados e se constituem, não se tratando apenas, e tão somente, o intuito de transmitir uma dada informação.

Nesse contexto, o discurso, para Orlandi (2005a), traz a ideia de movimento, de curso, de percurso, de correr por, de movimento. Estudar o discurso é observar o homem falando. Essa ideia de o discurso estar relacionado ao movimento é diretamente direcionada à constituição do sujeito e do sentido que não está dado, constrói-se através do contexto de emersão do discurso. Destaca-se ainda que “(...) as relações de linguagens são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2005a, p. 21). A autora propõe essa definição rebatendo a noção reducionista de comunicação como mera transmissão de informação em que cada elemento possui seu espaço estabilizado e linearizado. Dessa forma, “(...) o discurso só pode ser concebido como um processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber a materialidade linguística” (PÊCHEUX & FUCHS, 2010, p. 179). Isto posto, a afirmação conduz que a ideologia se materializa no discurso que, por sua vez, materializa-se na língua.

O discurso é tomado em condições de produção determinadas pelas formações discursivas em um momento histórico, isso significa que a relação entre a

linguagem e a ideologia pode ser observada pelo discurso, pois é visto como efeito de sentido, transformando-se de acordo com as condições de produção, permitindo, assim, com que o discurso seja sempre submetido à interpretação e, por isso, o discurso possui um papel fundamental, como uma noção instituidora que define o discurso como efeito de sentido entre locutores, desse modo, para produzir os efeitos de sentido entre os interlocutores não basta apenas os correlacionados, como, as mensagens e os códigos, mas é necessário também o conjunto de tudo que o relaciona (Pêcheux (2009) e Orlandi (1994 e 2005a)). Esse dispositivo interpretativo possui uma relação fértil com a linguística que concede as bases materiais de análise e oferece substancialmente uma relação com outras disciplinas, ultrapassando os conceitos puramente linguística da análise, verificando uma dupla ruptura em que o objeto discurso produz, “(...) com o texto e com o conteúdo como tema” (MAZIÈRE, 2007, p. 15).

Orlandi (2005b) afirma que o discurso se posiciona no lugar particular, ou seja, ocorre a singularidade do sujeito, no qual se articula a linguagem e a ideologia. O discurso pode ser compreendido como uma construção linguística, vinculada a um determinado momento histórico ou um contexto econômico ou sociopolítico, que é vivenciado pelo seu orador e agrega seus valores e ideologia na estrutura do texto (GUIMARÃES, 2009). A conjuntura enigmática entre o sujeito e a ideologia, “(...) foi pra expressar esta ligação que Pêcheux introduziu aquilo que ele chama de discurso, tentando desenvolver uma teoria do discurso e um dispositivo operacional de Análise do Discurso” (HENRY, 1997 p. 34). Na perspectiva da AD se faz necessário referir um discurso “(...) ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 2010, p. 79). Segundo Pêcheux (2010, p. 82), “(...) os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. Se o que dissemos antes faz sentido, resulta, pois, dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Nesse sentido, o lugar social é conhecido como feixe de traços objetivos, na qual exerce como tal no interior do processo discursivo, evidenciando, desse modo, “(...) uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX 2010, p. 82).

Assim, a noção de processo de produção do discurso elaborada por Pêcheux (2010, p.81-82), define-o como “(...) o conjunto de mecanismos formais que

produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”, o que implica que um discurso proferido não significa necessariamente uma transmissão de informação entre A e B, mas sim de um efeito de sentidos entre A e B, mais que isso, os protagonistas do discurso (A e B) não são organismos humanos individuais, mas designam “lugares determinados na estrutura de uma formação social”, ou seja, cada ponto (A ou B) representam posições sociais nos processos discursivos (exemplo, patrão e operário), mas nestes não refletidas como tais, pois o que funciona neles “(...) é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”.

A Teoria do Discurso, segundo Orlandi (2005a), afirma que é inconcebível que o discurso seja confundido com a fala e com o texto, definindo-o como romper de qualquer convenção comunicacional da linguagem, ou seja, os processos discursivos não se restringem a mera definição de comunicação, cujos elementos que os constituem, conduzem a um processo estabilizado, “Tipo, então, enquanto cristalização de funcionamento discursivo, é sentido caracterizando a atitude do locutor face a seu discurso e através desse face ao destinatário (ORLANDI 2006a, p. 131). Essa proposta de Orlandi e de Pêcheux nos leva a refletir que o discurso ocupa um lugar social, de debate, de confronto e de deslocamento onde o sujeito se movimenta com sua inscrição na história, onde o sentido também tem a ver com a historicidade.

1.3 FORMAÇÃO DISCURSIVA E O INTERDISCURSO

O discurso está relacionado a um conceito descritivo anterior, também intitulado de Formação Discursiva (FD). Inicialmente, a FD foi formulada por Michel Foucault, entretanto, Pêcheux desenvolveu a sua própria definição alinhada ao materialismo dialético que, de modo geral, está relacionado diretamente com as formações ideológicas. Segundo Pêcheux (2009), a formação discursiva determina o que deve ou não ser dito. A constituição do sujeito e do sentido resulta da relação entre a língua e a ideologia, em que se pode dizer que a materialidade específica da ideologia é o discurso ao passo que a materialidade do discurso é a língua. Nessa perspectiva, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo. Ao considerar que o sujeito é descentrado, entendemos que a sua relação com o mundo é produzida pela ideologia e, assim, o imaginário é que intervém nas relações do sujeito com suas

condições de existência. Nesse sentido, a questão do imaginário é considerada pela Análise do Discurso como “a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p.82-83).

A formação discursiva, seguindo a linha de pensamento que corresponde acerca da materialidade, visa a apresentação material da formação ideológica, ou seja, “(...) a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada determinada pelo estado de luta de classes determina o que pode e deve ser dito que articula sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Os enunciados são organizados e, com isso, obtém-se uma regularidade na qual gera diversas palavras, enquanto outras palavras são silenciadas, ou seja, a escolha de certas palavras e não de outras. Um exemplo interessante é que os dizeres de uma determinada época é ajustado para uma outra forma e, com isso, é dada uma nova conjuntura enunciativa.

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise do Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2005a, p. 43).

Nessa perspectiva, é na formação discursiva que o analista vai se deparar com a constituição do sujeito, dos sentidos e as ideologias que predominam. Destaca-se que não é possível definir com precisão os limites entre uma formação discursiva e outra, pois estão imbrincadas “(...) importa ainda lembrar que o limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra (logo, é o mesmo limite da outra), o que permite pensar que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois evoca por si o “outro” sentido que ela não significa (ORLANDI, 1997, p. 21). É na formação discursiva que encontramos a paráfrase e a polissemia. Segundo Orlandi (1984), a paráfrase é o procedimento de análise, o mesmo e o dado, ressaltando o processo pelo qual procura-se manter o sentido igual, mas sobre diferentes formas, já a polissemia, dedica-se no efeito de sentido no novo e o diferente, visando o processo de instauração da multiplicidade de sentidos.

Os processos de significação e memória estão voltados para os processos parafrásticos, Orlandi (2005a) afirma que há sempre algo que se mantém, tem-se aí, então, a noção do discurso do outro, de uma outra conjuntura social e histórica imbuído e construído sob a égide de uma outra formação ideológica. Ao ajustar a nova

formação discursiva passa a não se significar da mesma maneira, contudo, o novo que se instala não perde toda sua essência, ou seja, o que já foi um dia. Esse processo, intitula-se “préconstruído”, memória discursiva na figura da interdiscursividade. A noção de Formação Discursiva para Indursky (2005, p. 4) “(...) pode ser entendida como o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem saberes regulados pela forma-sujeito e apresenta-se dotada de bastante unicidade”.

No entanto, segundo a autora “(...) uma forma-sujeito fragmentada abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, daí decorrendo uma formação discursiva heterogênea, cujo traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva” (INDURSKY, 2005, p. 8). Para Orlandi (2005a), é necessário estabelecer relações entre o sujeito e as práticas discursivas que se afilia a uma dada Formação Discursiva e não em outra. Para a autora, pode ocorrer ainda, em uma e outra, alteradas pelas circunstâncias, em que se produzem os dizeres, visto que não é no dizer, em si mesmo, que o sentido se estabelece, e tampouco nos propósitos de quem diz.

É importante citar ainda que Pêcheux relaciona a formação discursiva com o interdiscurso e é através dele que se permite que a ideologia funcione, interpelando indivíduos em sujeitos, constituindo aquilo que determina o discurso do sujeito e, no processo discursivo, é reinscrito no próprio sujeito, em outras palavras, a FD determina o que pode e deve ser dito e este é delimitado pelo interdiscurso, este por último é o que permite que surja e se articule os objetos apropriados pelo sujeito no discurso. Assim, Pêcheux relaciona a FD à noção de condições de produção do discurso, o que necessariamente significa dizer que a FD possibilita que a história e a ideologia, mediante as condições de produção do discurso e da troca de impressões imaginárias, se dão dentro de um conjunto de regras específicas que não só delimita o que o sujeito pode dizer, como ordena o que se deve dizer.

A noção de interdiscurso, segundo Orlandi (2005a, p. 31), pode ser entendida como o intrincamento entre sentido, memória e história em que o “(...) interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, ou seja, para que haja sentido, os dizeres precisam já terem sido ditos antes. O indivíduo ao dizer é interpelado em sujeito pela ideologia, inscreve-se em uma determinada formação discursiva. O que ele diz muda de sentido, de acordo com as Formações Discursiva, esses dizeres estão todos no já-dito do interdiscurso.

A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. De outro lado, podemos dizer que o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica. Assim podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico (ORLANDI, 2011, p. 132).

O que podemos observar, portanto, que é no interior do funcionamento discursivo que ocorre a imbricação da formação ideológica e da FD que, por sua vez, concebe-se a produção de efeito de sentidos.

1.4 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E A IDEOLOGIA

As Formações Ideológicas, para Medeiros (2009, p. 2), “(...) são um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras”. As formações ideológicas para Haroche, Henry, Pêcheux (1971):

[...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou mais formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) das construções nas quais essas palavras se combinam, na medida onde elas determinam a significação que tomam essas palavras: [...] as palavras mudam de sentido conforme as posições ocupadas por aqueles que as empregam; se pode precisar agora: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a uma outra” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX 1971, p. 102-103).

É por meio da noção das formações discursivas que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. “(...) As formações ideológicas caracterizam-se por serem elementos capazes de intervir como força em confronto com outras na conjuntura ideológica de uma determinada formação social” (MEDEIROS, 2009, p. 02). Isto é, as formações ideológicas são constituídas pelas formações discursivas. A “formação”, segundo o dicionário Houaiss eletrônico (2009), possui o termo originário do latim que designa forma e configuração. Nesse contexto, aborda-se um complexo sistema, configurado com base nas ideologias de um aparelho de Estado, como por exemplo, a religião, escola, família e a política institucional.

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica

constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p. 166).

A representação e o conjunto de atitudes não são subjetivos, pois envolve outros sujeitos, contudo, não são universais, visto que não engloba todos os sujeitos e, sendo assim, pode-se inferir que há diferentes formações ideológicas em conflitos uma mesma sociedade. Isso implica que os distintos grupos, sejam eles grupos afins e/ou os grupos adversários, constantemente estão em conflitos no que se refere aos sentidos de valores e a formações sociais. Pêcheux e Fuchs (2010) ressaltam que tais conflitos são forças em confronto, pois cada grupo interpreta e idealiza as condições reais de existência de uma forma.

À vista disso, propende a entender como errada, anulando o outro. Em casos extremos, essa relação conflituosa é mais explícita no aparelho ideológico religioso e político, no qual se observa com maior facilidade a intolerância. A materialização ideológica se dá pelo viés discursivo, observa-se que é no e pelo discurso que as práticas sociais (ideológicas) ganham corpo. Considerando, portanto, que as formações ideológicas estão relacionadas ao produzir sentidos, concomitantemente, é possível notar que se dissimula outras possibilidades de sentido para o mesmo dado, pois de acordo com Pêcheux a ideologia:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

A ideologia, nesse aspecto, é a interpretação de sentidos em certa direção, visando que essa relação seja determinada pela história e a linguagem em seus mecanismos imaginários (ORLANDI, 2011). Para Orlandi (2011), a ideologia não é simplesmente uma ocultação de sentidos, mas sim uma relação que determina a necessidade entre o mundo e a linguagem e, dessa forma, são trabalhados os conteúdos que estabelece e procura compreender quais formas produzem o sentido na materialidade da língua.

De acordo com Marx e Engels (1986), a ideologia de uma sociedade reflete valores e ideias da classe dominante e, portanto, representam ideias de sua dominação. Complementarmente, Orlandi assinala que a “(...) ideologia, que coloca o

homem na relação imaginária com suas condições reais de existência” (ORLANDI, 2005a, p.46), na ordem do inconsciente. Segundo a autora, a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, e ao mesmo tempo no simbólico e no movimento da língua em que ela se materializa, no entanto, a ideologia não se reduz apenas ao campo da imaterialidade das ideias, possuindo também uma existência material sendo elas: na igreja, no estado, na escola, nas instituições e na língua.

De todo o dito, é importante ressaltar que a noção da FD inclui a ideologia como um aspecto determinante no discurso, o modo como a ideologia se materializa no discurso é algo que Pêcheux nos convida a refletir. Além disso, o processo ideológico é algo que se movimenta não apenas na história, mas também na memória social e, assim, os sentidos vão se construindo a partir do embate de outros sentidos.

1.5 A CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO DO DISCURSO: O NÃO DITO E O SILÊNCIO

Um dos conceitos fundamentais que Pêcheux trabalha é o conceito de condição de produção, de modo geral, esse conceito traz a ideia de que o discurso produzido pelo sujeito, na verdade, não foi formulado por ele e, portanto, não é possível atribuir que o sujeito é a fonte de discurso, pois ele é fruto da interpelação que recebe da ideologia:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está 'isolado', etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado. O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. Um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para 'dar o troco', o que é uma outra forma de ação política (PÉCHEUX, 1997, p.77).

Assim, Pêcheux (1997, p.76) nos ensina que o processo de produção do discurso é definido como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”, o que implica, necessariamente, que as “circunstâncias” de um discurso são suas condições de produção e, por conseguinte, um discurso é produzido de acordo com um tipo dado em condições de produção dado. Assim, quando um sujeito faz um discurso, antes as condições de produção vão relacionar as formações imaginárias de sua posição e do outro com a situação concreta historicamente determinada.

Orlandi (2005a, p. 30) afirma que “(...) podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Segundo a autora, as condições de produção são determinantes da constituição do sujeito, assim como, do sentido de seu discurso. Esses contextos conduzem como todo e qualquer discurso se apresentam, na relação com o não dito e com o silêncio. Todo discurso carrega consigo uma margem de não ditos, constituindo-se a partir do silêncio, este por sua vez, relaciona-se a significação e não silêncio inerente à ausência sonora.

O não dito, no discurso implícito, evidencia sua incompletude. Para Orlandi (1997), todo discurso possui uma relação com a falta, com o equívoco, já que toda linguagem é incompleta: “(...) há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”. (ORLANDI, 1997, p. 12). Entende-se que os sujeitos, os discursos e os sentidos não estão prontos e acabados, mas sim, sempre estão se (re) construindo no movimento constante do simbólico e da história. Segundo a autora, este é o motivo pelo qual o leitor precisa mergulhar na tessitura textual para que possa interpretá-la e compreendê-la à luz de seus conhecimentos e vivência. Cada sujeito produz um discurso e, desse modo, se relaciona com o interdiscurso ou memória discursiva. Nessa perspectiva, Pêcheux (2009) conceitua:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2009, p. 52).

Os sentidos são condicionados de modo que é dada a forma com que os discursos se inscrevem na língua e na história. A incompletude evidenciada do discurso conduz o sujeito a submergir na exterioridade, na história para inscrevê-la na conservação e na estabilidade interna do discurso; ao fazê-lo, traz para seu discurso o falado antes, em outro espaço e tempo. Para Pêcheux (2010), constitui-se como interdiscurso aquele que visa fornecer materiais para uma formação discursiva, nesse contexto, o autor traz a ideia de paráfrase, bem como a noção de pré-construído, este se relaciona como objeto ideológico, como representação.

O interdiscurso para Orlandi (2005a, p. 33), em consonância com Pêcheux, conceitua como “(...) todo conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. É o dizível, histórica e linguisticamente definido; o enunciável, o já-dito, exterior à língua e ao sujeito, mas que está no domínio da memória discursiva”. De acordo com Orlandi (2005a), há uma nova prática de leitura em *Análise do Discurso*, chamada de “discursiva”, que...

[...] consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária [...] porque [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras (ORLANDI, 2005a, p. 34).

Nesse sentido, o não-dito faz parte do discurso no qual não evidencia a palavra. Refere-se ao discurso anterior, considerando que a impossibilidade de o discurso englobar uma enunciação completa, compreende-se que o não-dito é constituinte, é fundador do discurso. O não-dito se relaciona com as diversas facetas da linguagem, perpassa e ultrapassa todo o dito; “(...) é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se” (ORLANDI, 2005a, p. 82). O não-dizível estabelece o espaço do múltiplo, a condição do “vir-a-ser” do discurso. Orlandi (2005a, p. 82) evidencia que as “(...) diferentes formas de não-dizer (implícita), o pressuposto e o subentendido”. Considerando que o primeiro (dito) se vincula a linguagem e o segundo (não-dito) ao contexto, desse modo, pontua-se ainda que “o não-dito é subsidiário ao dito” e constitutivo do sentido.

Na *Análise do Discurso*, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é uma formação discursiva pressupõe uma outra (ORLANDI, 2005a, p. 82).

Nessa perspectiva, podemos observar que as condições de produção podem determinar as relações que o sujeito condiciona com sua memória discursiva e também remetê-lo a uma formação discursiva e não em outra, sendo capaz de entender os processos discursivos e os sentidos que cada um pode produzir. A transição do sujeito por diferentes formações discursivas coloca num campo enunciativo daquilo que pode ser dito, na prática. As condições de produção envolverão o sujeito, suas contradições e sua posição social que dependerá da

ideologia e de sua posição em relação ao modo de produção e de sua posição em que o discurso é praticado.

1.6 O SUJEITO E A IDEOLOGIA

Até aqui pontuamos muitas vezes sobre o sujeito e a ideologia, mas quais os conceitos de sujeito e ideologia? Qual a relação do sujeito com a ideologia? Como a ideologia interpela os indivíduos em sujeito? Como é o sujeito da Análise do Discurso? São questões que trataremos nessa seção. Orlandi (1988) afirma que o sujeito é multifacetado e, com isso, ele atravessa e é constantemente atravessado por inúmeros discursos, desse modo, os sujeitos não se associam mecanicamente com a ordem social, cuja representatividade possui vários papéis.

Para a autora, essa dinâmica possibilita a troca de papéis, no qual pode ser nomeado de reversibilidade. A correlação eu/tu é reversível, e é porque o “eu” conseguiu preencher a condição do outro/do tu que o dizer se determina. O sujeito da Análise do Discurso é duplamente afetado: no seu funcionamento psíquico, o sujeito é falado pelo inconsciente, parte desconhecida pelo sujeito. E outra perspectiva considera seu funcionamento social, em que o sujeito é afetado pela ideologia, visto que não há discurso sem sujeito, nem mesmo há nem sujeito, sem ideologia. Pêcheux (2009), por sua vez, conceitua o sujeito sob a ótica das redes de evidências e o assujeitamento inerente ao inconsciente, distinguindo o Sujeito, enquanto Ideologia e, ainda, o sujeito, enquanto indivíduo interpelado:

Se acreditamos de um lado, que esse Sujeito, com S maiúsculo – Sujeito absoluto e universal –, é precisamente o que J. Lacan designa como Outro (Autre, com A maiúsculo), e, de outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados (PÊCHEUX, 2009, p. 133).

O autor evidencia o aspecto material da relação entre um e outro: na materialidade discursiva do sujeito estão constituídas as ideologias que o interpelam, ou seja, o sujeito ao falar, inscreve-se materialmente, por meio da linguagem, nas formações discursiva e ideológica que constituem o sujeito de seu discurso. Logo, o sujeito se constitui enquanto produz seu discurso, ao passo que as práticas sociais se constroem pelo viés discursivo, “(...) só a prática através de e sob uma ideologia” e “(...) só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos” (PÊCHEUX, 2009, p. 149).

A relação entre os sujeitos e as práticas sociais sucedem em um panorama em constante conflitos e tensões ideológicas, a título de exemplo, têm-se as práticas políticas que evidenciam a esquerda e a direita, assim como há as práticas religiosas, demonstrando a força da natureza e a santidade. Segundo Pêcheux (2009), o sujeito marca seu espaço, um território na discursividade seja este da política, da família, da religião ou de qualquer outro aparelho ideológico e, sendo assim, o sujeito não nota o processo interpelatório, sem uma abstenção ou distanciamento para reflexão, pois ele acredita possuir ter o controle sobre o que é e o que escolhe, assim como sobre como se relaciona discursivamente.

O caráter comum das estruturas-funcionamentos desigualdades, respectivamente, como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas” devendo entender se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nos quais se constitui o sujeito” [...] tanto para você, como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras) está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.) (PÊCHEUX, 2009 p. 153).

Outro elemento importante do sujeito para Pêcheux (2009, p. 163) é que ele “(...) se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina”, referindo-se ao sentido de acobertado, daquilo que causa no próprio interior de seu efeito e não no sentido de algo que fora esquecido. Segundo o autor, o sujeito é constituído de dois esquecimentos: 1. O sujeito não é fonte do seu dizer e 2. O sujeito tem a ilusão de que tem poder de escolha. Especificamente sobre o esquecimento nº 1, vale ressaltar que está centrado na noção do “ (...) o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX 2009, p. 173), ou seja, o sujeito não é fonte de seu dizer, apenas necessita desta ilusão para enunciar. Desse modo, constituem-se os arranjos lexicais com a sensação de naturalidade, possibilitando “esses” e “não aqueles sentidos”. “Nesse sentido, o esquecimento nº1, remetia, por analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão” (PÊCHEUX, 2009, p. 173).

Já o esquecimento nº 2, a ideia intrínseca é que esta promove a ilusão de que o sujeito é capaz de escolher as palavras adequadas para se expressar, induzindo, assim, os sentidos aos enunciados e, concomitantemente, controlando os sentidos. Um aspecto importante nesse segundo tipo de esquecimento é que, por vezes, a utilização de diversos recursos linguísticos, tal como as aspas, a pontuação

e as palavras em caixa alta que, ao fazer seu uso, caminham para um efeito de sentido, entretanto, os significados não são colados às coisas: “(...) uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade” (PÊCHEUX 2009, p. 161), mas sim “(...) mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX 2009, p. 160). Tomando por base essa compreensão, em síntese, o Esquecimento nº 1 está relacionado à exterioridade que, por sua vez, está relacionado à formação discursiva, remetendo a um certo discurso, enquanto que o esquecimento nº 2 está a cargo do esquecimento nº 1, haja vista que o intradiscurso² é construído em função do interdiscurso³, logo da ideologia que o rege.

Outra concepção interessante para sujeito é a definida por Orlandi (2005a, p. 50), segundo a autora o sujeito está relacionado à noção de que ele é determinado tanto por seu lugar subjetivo, em um determinado momento de sua enunciação, quanto em sua exterioridade. Assim, pelo fato de que o sujeito é atravessado pela história, ele possui acesso a pelo menos parte do que ele realmente ele diz, ou seja, cria-se “(...) um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. Complementarmente, a autora afirma ainda que o “ele” enuncia na ilusão de escolha e definição sobre o que diz, visando controlar os sentidos, entretanto, trata-se de um sujeito dividido e que não controla os sentidos como um todo, sempre vir-a-serem outros na relação com o outro, nas variações do tempo e do espaço em que ocorrem as enunciações:

Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2005a, p. 50).

Nessa perspectiva, o sujeito do discurso, possui uma materialidade linguística e, portanto, é fruto de um entremeio entre movimentos metafóricos e metonímicos, paráfrase e polissemia. Ele significa e é significado em determinadas

² O intradiscurso está relacionado a matéria linguística, ideológica, literária, simbólica dentre outras, isto é: “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo *agora*, com relação ao que eu disse *antes* e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto de fenômenos de ‘co-referência’ que garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito (PÊCHEUX, 2010, p. 154).

³ Para Pêcheux (2009), o interdiscurso é constituído de um discurso em relação a outro já existente como o “discurso de um sujeito”.

condições pelo viés do interdiscurso, esse por sua vez, sustenta seu dizer. O sujeito não é quantificável ou normatizável, ele é inscrito na/pela memória discursiva e está inscrito nas formações discursivas e sociais, constituindo-se nas injunções ideológicas (ORLANDI, 2005a). E, sendo assim, a impressão de “sempre já sujeito” é apagada (ORLANDI, 2005a, p. 48).

Orlandi (2005a, p. 35) traz a ideia de esquecimento ideológico: “(...) ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos, quando na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”. Este tipo de esquecimento “(...) é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2005a, p. 35). Em termos epistemológicos, *stricto sensu*, a raiz do termo sujeito, no latim, designa “posto debaixo” (FERREIRA, 1986, p. 1627). Esse conceito na Análise do Discurso e com a Psicanálise, visa um sujeito dividido pela/na linguagem, interpelado pela ideologia, descentrado, gestado pela história e parido no discurso, ou ainda, “posto debaixo”, no sentido do esquecimento que construí o sujeito. Segundo Ferreira (2010),

A categoria de sujeito procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da Análise do Discurso. E Pêcheux não fica surdo a essa voz; muito ao contrário (FERREIRA, 2010, p. 2).

Segundo Orlandi (1999), o sujeito acredita estar livre para enunciar de maneira imparcial e, desse modo, está isento de influências ideológicas. Esse processo de questionamento do indivíduo no que concerne ao sujeito é esquecido. Nesse sentido, a autora evidencia que o discurso é dotado de efeitos de sentidos, ou seja, o dito e o implícito dizem e significam. O sujeito, ao se sentir agredido diante de uma situação, marca seu posicionamento ideológico, evidenciando seus valores e princípios morais. Vale ressaltar, entretanto, que o sujeito não demonstra apenas seus posicionamentos, mas também a formação ideológica de um grupo, cuja hegemonia é a ferramenta para a imposição (sem que pareça), por meio dos aparelhos ideológicos, dos seus princípios, crenças, valores e verdades (ALTHUSSER, 1974).

Nesse discurso, nota-se também a presença de outros discursos que não são e também não possuem origem no sujeito enunciador, logo, ele está replicando um já dito, contudo, tem a crença de ser legítimo o seu dizer. Nessa conjuntura, a ideologia possui caráter modelador das ações humanas, pois atua de forma inconsciente e nos leva a reproduzi-la, reforçá-la e a defendê-la. Dessa forma, o discurso se apresenta como uma forte ferramenta de persuasão para a difusão de ideologias, representando tanto as relações de poder, quanto as manifestações contrárias, ou em prol de causas distintas.

Pêcheux (1995, p. 129) destaca a “(...) dupla face de um erro central, que consiste, de um lado, em considerar as ideologias como ideias e não como forças materiais e, de outro lado, em conceber que elas têm origem nos sujeitos, quando na verdade elas “constituem os indivíduos em sujeitos””. A verdadeira ideologia “(...) representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1974, p. 77), ou seja, o sujeito se imagina e imagina o mundo, evidenciando seus valores, crenças e verdades. Atua, assim, como uma lente pela qual o indivíduo enxerga a si e ao mundo, assim como ele se relaciona com o outro, atribuindo acesso ao real, não de forma direta e objetiva, mas sim imaginária. Desse modo, Althusser (1974) argumenta:

Embora admitindo que elas não correspondem à realidade, portanto que constituem uma ilusão, admite-se que fazem alusão à realidade, e que basta <<interpretá-las>> para reencontrar sob a sua representação imaginária do mundo a própria realidade desse mundo (ideologia = ilusão/alusão) (ALTHUSSER, 1974, p. 78).

Entende-se, nesse sentido, que os gestos de interpretação direcionam as ideologias às quais o indivíduo está submetido. Desse modo, um mesmo fato pode ser interpretado, entendido e assimilado de diferentes maneiras, dado o contexto imediato de ocorrência e contexto. Entende-se, ainda, que os gestos de interpretação remetem às ideologias, pelas quais o indivíduo está submetido. Por isso, um mesmo fato pode ser entendido e assimilado de maneiras diferentes, dado de quem enuncia o contexto imediato de ocorrência e o respectivo contexto histórico. As evidências produzidas pela ideologia, possibilita diversas interpretações “(...) este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições reais de existência” (ORLANDI, 2005a, p. 46). Dessa forma, o indivíduo acredita que o sentido é evidente, no que concerne sua posição sujeito interpelado e

do sentido de seu discurso. Ainda no tocante as evidências, Orlandi (2005a) argumenta:

São essas evidências que dão aos sujeitos a realidade como sistema de significações percebidas, experimentadas. Essas evidências funcionam pelos chamados “esquecimentos” [...]. Isso se dá de tal modo que a subordinação assujeitamento se realiza sob a forma da autonomia (ORLANDI, 2005a, p. 47).

Segundo Orlandi (2005a, p. 46), “(...) o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Orlandi (2005a, p. 47) afirma que “(...) para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante”. Portanto, os movimentos destacados representam as principais justificativas para explicar, mascarar, ocultar ou inverter a ordem social existente, podendo surgir conscientemente induzidas por agentes sociais ou simplesmente de forma inconsciente, enraizando paradigmas na sociedade.

O filósofo marxista Althusser conceitua o sujeito a partir da ideologia, inclusive, Henry (1997, p. 33) afirma que “(...) o sujeito para Althusser é o sujeito da ideologia, e não há outro sujeito, senão este da ideologia”. Althusser (1985, p. 93) afirma que “(...) só há prática através de e sob uma ideologia (...) só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”, as quais levam à formulação central: “(...) a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”. O sujeito é chamado a existência pela ideologia, “(...) a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1974 p. 93).

A aceção de ideologia althusseriana não pode ser confundida com a concepção de ideologia como representações deformadoras da realidade, pois essa instância não é algo que vem do exterior, coloca-se entre os sujeitos e a realidade, produzindo uma visão de mundo deturpada. Trata-se de uma condição intrínseca a todos, um sinal de indenítário comum aos diferentes sujeitos, aos quais, por estarem interpelados, imaginam que as condições sociais vivenciadas lhes foram “espontaneamente” dadas. Althusser (1985) ainda postula que o processo de interpelação ideológica produz duas evidências: a do sujeito e a do sentido, conforme exposto no excerto a seguir:

Segue-se que, tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (portanto inclusive as evidências da

“transparência” da linguagem), a evidência de que você e eu somos sujeitos – e até aí não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar (ALTHUSSER, 1985, p. 94).

A ideologia tem como responsabilidade construir essas evidências discretamente e impô-las de tal modo que o sujeito não perceba que está sob o efeito do “reconhecimento ideológico”, ou seja, a ideologia faz com que os sujeitos se reconheçam como “(...) concretos, individuais, inconfundíveis e (obviamente) insubstituíveis” (ALTHUSSER, 1985 p. 95). Além disso, a ideologia influencia na representação dos sujeitos em relação às suas condições sociais, assim como na imagem que os sujeitos têm das formulações linguísticas recebidas ou produzidas. Segundo Althusser (1985), o conhecimento científico é o responsável pela conscientização de que se está fora da ideologia, enquanto que, na verdade, se está sempre dentro dela, dessa forma, não pressupõe o processo de interpelação ao qual estão sujeitos. De acordo com Orlandi (2005b), os indivíduos em sujeito são interpelados pela ideologia, senão vejamos na íntegra:

Em um primeiro momento temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia. Essa é a forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive. É assim que podemos dizer que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e mestre do que diz. Expressão de uma teoria da materialidade do sentido que procura levar em conta a necessária ilusão do sujeito de ser mestre de si e de sua fala, fonte de seu dizer (ORLANDI, 2005b, p. 15).

Althusser (1980) evidencia a materialidade das ideologias, aos quais são tomados no próprio funcionamento das instituições e, sob outra perspectiva, o sujeito da ideologia, devido a sua teoria de interpelação. Nesse contexto, segundo a qual “(...) a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (ALTHUSSER, 1980, p. 93-35). Nessa lógica, é a partir dessa teoria althusseriana que Pêcheux extrai a relação entre ideologia e inconsciente:

Se acrescentarmos, de um lado, que esse sujeito, com S maiúsculo — sujeito absoluto e universal —, é precisamente o que J. Lacan designa como o Outro (Autre, com A maiúsculo), e, de outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan, “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo o recálque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 2009, p. 133-134).

Althusser (1980) define o sujeito escrito com a inicial maiúscula em um Outro sujeito, evidenciando o nome do qual se fala, atestando a análise da ideologia religiosa em aparelhos ideológicos do Estado. O autor ressalta, portanto, para um lugar no qual o discurso é constituído e a partir dele interpela os indivíduos em sujeitos. De acordo com Pêcheux (2009), o termo “formações ideológicas” é designado pela “materialidade concreta” com a contribuição ideológica. A teoria Althusseriana afirma que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, que fundamenta “(...) uma teoria materialista dos processos discursivos” (PÊCHEUX, 2009, p. 148). Esse princípio, de acordo com Althusser (1980, p. 91), é atribuído por duas proposições intermediárias:

1. Só há prática através de e sob uma ideologia;
2. Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos.

Pêcheux (2009) explica essas proposições, senão vejamos:

(...) na primeira, o artigo indefinido leva a pensar a pluralidade diferenciada da instância ideológica sob a forma de uma combinação (todo complexo com dominante) de elementos onde cada um é uma formação ideológica (no sentido definido acima); em síntese, uma ideologia. Na segunda proposição, a determinação do termo “ideologia” funciona “em geral”, como se disséssemos “só há raiz quadrada de um número positivo”, entendendo por isso que toda raiz quadrada é a raiz de um número positivo: da mesma maneira, a significação dessa segunda proposição, que prefigura, na verdade, a “tese central”, é, realmente, que “a categoria de sujeito... é a categoria constitutiva de toda ideologia”. Dito de outro modo, a aparição do termo “sujeito” na exposição teórica [...] é rigorosamente contemporânea ao emprego do termo “Ideologia” no singular, o sentido de “toda ideologia” (PÊCHEUX, 2009, p. 149).

Para Althusser (1980), a ideologia em um contexto global tende a ser individualizada. Existe uma ideologia dominante, no qual se visa o resultado de conjunto adquiridos no interior de uma formação social, referindo-se às formações ideológicas, estas por sua vez, segundo Haroche, Henry, Pêcheux (1971, p. 102) caracterizam como “(...) um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito uma com as outras”.

Nesse contexto, Althusser (1980, p. 94), afirma que “(...) a Ideologia em geral não tem história”. É nesse sentido que se pode dizer que “a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia”, pois “toda a ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos”. O conceito de Ideologia, em geral concede, por fim, pensar a teoria althusseriana sobre o sujeito de ser um “animal ideológico”, isto é, a tese de que “a evidência de que eu e você somos sujeitos — e

que esse fato não constitui problema — é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar” (ALTHUSSER, 1980, p. 95).

De todo o dito, observamos que a ideologia e o sujeito são conceitos fundantes na AD, de modo geral, é possível identificar que o conceito de ideologia, pelo viés do sujeito, explica as noções de interpelação e que é no discurso que se manifesta, de forma concreta, a ideologia e, por conseguinte, são as Formações Discursivas que materializam o ideológico que está presente nas formações sociais e nas relações do homem com o mundo. Assim, nota-se que discurso, sujeito e ideologia são noções entrelaçadas, pois não existe um discurso sem sujeito, assim como não existe sujeito sem ideologia, pois o sujeito sempre se inscreve em uma ideologia, marcando suas posições no discurso, produzido sentidos.

1.7 O SENTIDO

Orlandi (1994) evidencia que a AD apresenta um modelo de pensamento de sujeito e sentido, em que se desloca tanto do idealismo subjetivista/ sujeito individual como do objetivismo abstrato/ sujeito universal. O sujeito que sofre uma descentralização, suas relações com o mundo também são constituídas pela ideologia, pois é o imaginário que permeia a relação do sujeito com as condições de existência. A AD se constitui como ponto de apoio na reflexão que produz sobre o sujeito e o sentido, constituindo sua prática na relação de contradição em diferentes diretrizes de conhecimento.

O sentido não fica parado “(...) pois é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular” (DIAS, 2018, p.29). Nesta formulação, os sentidos se repetem ou mudam de caminho, uma vez que “as palavras estão aí significando” (ORLANDI, 2007), os sentidos são capazes de perpassar para novos outros sentidos, podendo ou não se romper. O sentido está constantemente em desenvolvimento, entretanto, não está sendo conduzido de qualquer forma e direção: “(...) há uma necessidade que rege um texto e que vem da relação com a exterioridade” (ORLANDI, 2007, p. 11 e 15).

Para Orlandi (1994), o sentido se constituiu e se caracteriza a partir da singularidade da forma de conhecimento em que não é apenas uma complementação de uma para a outra e sim, como dominar as fronteiras ou além delas ao qual se faz necessário esclarecer as regras de cada uma dessas ciências. A linguística para se

estabelecer elimina o sujeito e a situação (exterioridade), ou seja, ela trabalha a linguagem em sua forma própria, como um sistema significante. Já as Ciências Sociais, empenha-se em permear a linguagem em busca de sentido, como um simples instrumento de comunicação que conduz a informação (ORLANDI, 1994).

Pêcheux e Fuchs (2010, p. 169) dizem que “(...) o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos)”. Os autores evidenciam que os sentidos são desenvolvidos pelo contexto de enunciação, visando a importância das formações discursivas, as quais, atuam como determinante nos processos de desenvolvimento, bem como, o contexto histórico. Desta feita:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “si mesmo” (isto é, em uma relação transparente com a literalidade do significante). Mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidos. (Isto é, reproduzidos) (PÊCHEUX, 2009, p. 160).

O sentido não está evidente e construído como algo já revelado, contudo é capaz de ser outro, na medida em que se inscreve e é interpelado pelas formações ideológicas esse evento é chamado de posição sujeito. Pêcheux e Fuchs (2010) afirmam que “o sentido” de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva”. Desse modo, os processos de inscrição de uma sequência em relação à formação discursiva consideram as condições de produção.

1.8 FORMAÇÃO IMAGINÁRIA

O imaginário para a AD é considerado como “(...) a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p. 82-83). As formações imaginárias, para Pêcheux (1997), indicam o lugar que A e B se concede cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro, ou seja, é uma relação de poder em que os sujeitos se posicionam para falar qual sua função dentro do contexto. Isso está relacionado com o poder, porque há uma diferença, por exemplo, quando uma pessoa fala como sujeito pai, como sujeito professor, sujeito padre, cada uma dessas posições possui uma relação de poder com outro sujeito.

Segundo Orlandi (2005a, p.42), “(...) o imaginário não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”. A autora afirma ainda que a relação entre a língua, sujeito, história e da ressignificação é atribuída na Análise do Discurso como um dos conceitos que constitui a base teórica da linguística, psicanálise e história. O gesto de análise se faz por meio da transversalidade, transitando no que “(...) se toma discursivamente a não transparência do sujeito, a não transparência da língua e a não transparência da história” (ORLANDI, 2005a, p. 11). Assim, o visível e o invisível acerca do sujeito, da língua e da história, com o início na opacidade do discurso é evidenciado por meio do deslocamento da memória, a historicidade e o imaginário.

As formações imaginárias são constituídas por intermédio das percepções atravessadas pelo “já ouvido” e “já-dito” (GADET; HAK, 1997, p.85). O imaginário estabelece o efeito de evidência e, portanto, produz uma ilusão referencial. “(...) A dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade” (ORLANDI, 2007, p. 32) e a partir deste momento, ocorre seu efeito de evidência. O funcionamento do imaginário é evidenciado no discurso quando se entende que “(...) não há relação direta entre o mundo e a linguagem, entre palavra e coisa”, no entanto, o funcionamento do imaginário ressalta na ordem da transparência e entre mundo e linguagem (ORLANDI, 2007, p. 32). A força do imaginário é notável da qual “(...) é capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas” no qual é mediado pela ideologia na relação com o sujeito, desse modo, o imaginário é o que constitui o efeito de transparência (ORLANDI, 2007, p. 33).

O imaginário para a AD é refletido como “(...) a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p. 82-83). De acordo com Orlandi (1994), o processo discursivo se dá no funcionamento de uma sequência de formação imaginária, em que se constitui o lugar do sujeito e a imagem, bem como designar a si mesmo e o “outro”, em seu próprio lugar no discurso. Dessa forma, esses lugares são interpretados e, portanto, nos processos discursivos são posicionados. Orlandi (1994) evidencia ainda que o dizer não é apenas do domínio do locutor, uma vez que tudo isso reflete as condições em que se produz e com outros dizeres, ou seja, possui uma relação com os lugares pelos quais ele passa.

1.9 O CONCEITOS FUNDANTES DA ANÁLISE DO DISCURSO E SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA

Até aqui, pontuamos uma série de conceitos importante para a AD, tais como: o discurso, o sujeito, a formação discursiva e ideológica, a ideologia, as condições de produção, o sentido e o imaginário. Mas qual relação desses conceitos com os objetivos desta pesquisa? Por que fazer essa descrição dos principais dispositivos da AD é tão importante?

Conforme mencionado na introdução deste manuscrito, o intuito principal deste trabalho é o de analisar o discurso sobre o espaço urbano, a partir das páginas das Prefeituras na rede social Facebook, buscando identificar quais os conhecimentos divulgados nessas páginas oficiais e quais os sentidos produzidos sobre a cidade, desse modo, ao se propor o desafio de realizar esse objetivo, perpassamos por questões que são intrínsecas a AD e estudá-las, fazendo o exercício teórico de descrevê-los, permite adquirir conhecimento suficiente para mapear a construção dos conceitos que formam a compreensão de AD, fornecendo subsídios concretos para realizar as análises das páginas do Facebook das Prefeituras.

Assim, pontuar as bases teórico-metodológicas da AD, além de facilitar o acesso a alguns conceitos chaves, que aqui neste texto não se esgotam, permite também, compreender o discurso como materialidade ideológica e entender também que os post's das Prefeituras junto à rede social não podem ser reduzidos a um mero recurso comunicativo, mas que é atravessado pela ideologia que é representado através da linguagem.

CAPÍTULO 2

O ESPAÇO DIGITAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Este capítulo se dedica a discutir e refletir sobre o espaço digital e o espaço urbano, buscando compreender como o espaço urbano está ligado ao espaço digital. Além disso, o capítulo busca também entender como o espaço urbano significa as redes sociais, em especial o Facebook, permitindo, assim, analisar como o digital e o urbano se constituem. Este capítulo, juntamente ao que já trabalhamos no primeiro vão funcionar como uma espécie de arcabouço teórico para realizarmos a AD de cidades brasileiras que têm suas páginas oficiais no Facebook.

2.1 O DISCURSO DIGITAL E AS MÍDIAS

A internet e as mídias sociais mudaram toda a dinâmica de comunicação entre as pessoas e a forma como obtêm as informações, permitindo, assim, a “comunicação de muitos com muitos” em escala global (CASTELLS, 2005). A tecnologia através das ferramentas disponibilizadas pela rede mundial de computadores, conhecida como *web*, possibilita a disseminação em massa de uma mídia digital tendo os mais diversos perfis de públicos, que variam em questões de classe social, gênero, localização geográfica e, sobretudo, em seus hábitos de utilização. Para Dias (2016a), essa mídia digital se refere a toda comunicação realizada por meio da internet em uma forma material que possibilita trabalhar textos, áudios, infográficos, gráficos, vídeos, animações e imagens, além dos aplicativos com as mais variadas funcionalidades. Essa hibridização tem efeitos nas relações do sujeito com a cidade.

Recuero (2009) define rede social como um conjunto de dois elementos, sendo eles: atores que evidenciam as pessoas, instituições ou grupos e as conexões que ressaltam as interações ou os laços sociais, sendo estes independentes do ambiente ser *online* e digital. As mídias sociais são definidas, segundo Kaplan e Haenlein (2010), como “um grupo de aplicações para Internet construídas com base nos fundamentos ideológicos e tecnológicos da Web 2.0, e que permitem a criação e troca de Conteúdo Gerado pelo Utilizador (UGC)”. Para Orsoli (2011), a mídia social é toda rede *online* com configurações sociais ou que dependa das funções sociais, não se constituindo apenas um local para troca de conversas, mas também para troca

de conteúdos em diversos formatos. A mídia social é um ambiente *online* de compartilhamento de informações e interação. Telles (2011) afirma que as mídias sociais significam permitir conversações, no qual não é possível controlar, podendo apenas influenciá-las. Conscientes da importância das mídias sociais na interação com o usuário, as instituições públicas e privadas vêm ampliando seus investimentos e presenças nas mídias sociais. Segundo Gallucci e Madeira (2015), para se ter sucesso nas mídias sociais, não basta apenas investir em publicidade, alguns pontos importantes como: escutar o que os consumidores têm a dizer a seu respeito e envolver seus clientes nas ações da empresa, são fatores que podem determinar êxitos nas mídias. Dessa forma, serão eles os impactados nos conteúdos de futuras campanhas, mesmo que veiculadas em mídias tradicionais.

Segundo dados de pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2010), 92% dos usuários acessam à Internet em busca de informação e 71% dos internautas de distintas classes sociais, residentes em regiões metropolitanas do país, estão presentes nessas redes. A pesquisa também aponta que os usuários são ativos e participam das mídias sociais, emitindo suas opiniões. Dados mais recentes da pesquisa TIC Domicílios de 2019 afirmam que três em cada quatro brasileiros acessam a internet, equivalente a 134 milhões de pessoas, o que se nota, portanto, é que este cenário das mídias sociais no Brasil é uma grande oportunidade para impactar, influenciar e obter informações. Dias (2018) pensa o digital como “materialidade”, isto é, como discursividade e não como um mero suporte tecnológico próprio de ambientes *online*, bem como em seus mecanismos múltiplos de telas, como *touch screens* e teclas.

[...] as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades, e, entre elas, com decisiva importância, a digital, têm seus distintos modos de significar que, ao mesmo tempo, desafiam o homem, mas são também uma abertura para o (e do) simbólico. Lugar de invenção, de diferença, de exercício da habilidade. A linguagem digital, ou o discurso eletrônico, como prefiro chamar, re-organiza a vida intelectual, re-distribui os lugares de interpretação, desloca o funcionamento da autoria e a própria concepção de texto (ORLANDI, 2009, p. 62).

Para Dias (2018), a compreensão dos discursos “pelo” digital e não “no” digital é entendida como análise que conduz a reflexão sobre a ordem de construção dos sentidos, de modo amplo e definido pelo digital. A materialidade digital é “(...) o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo meio material

(aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.)” (DIAS, 2016a, p. 173). Dias e Couto (2011, p. 638) afirmam que “O modo de existir no digital é atravessado pelo estar visível ao outro. Enunciar a si mesmo é praticar o espaço digital, significá-lo”.

Ao compartilhar uma imagem, consumimos seu conteúdo e a própria ideologia que permeia a rede. Mais do que apenas consumir, através da rede existimos. Na rede, exposição é existência, por isso que ela é negociada e consumida, valorizada acima de quaisquer moedas. Através do melhor ou do pior, existimos, somos consumidos, somos propagados (COELHO, 2014, p. 3).

O discurso digital e as suas condições de produção do digital, sendo estas a cibercultura, o dinamismo da rede e da cultura digital atuam no chamado ciberespaço. Orlandi (1998) afirma que a maneira de como tudo é significado, bem como seu sentido é construído pelo sujeito. Para autora, aquilo que significa já é “(...) determinado pelo trabalho da memória, pelo saber discursivo, ou seja, aquilo que já faz sentido em nós” (ORLANDI, 1998, p. 15). Como unidades significativas complexas, são significados e ressignificados nas condições de produção digital e pela incidência da memória, do interdiscurso, atravessados pelo discurso eletrônico e pela discursividade do digital. Orlandi (1998) afirma que “(...) o processo de significação é determinado pela sua relação com a memória” (ORLANDI, 1998; 15), porém, o sentido não se desenvolve em qualquer direção, já que há uma necessidade que o rege e tem relação com a exterioridade (ORLANDI, 2011). Uma vez que todo enunciado não foge de estar exposto ao equívoco da língua, todo enunciado pode tornar-se um outro (ORLANDI, 1998):

Esse lugar do outro enunciado, é lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e de ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. E é aí também que podemos considerar a alteridade constitutiva, o interdiscurso: “é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar (ORLANDI, 1998, p. 11).

Dessa forma, ocorre a ressignificação e o deslocamento, visto que os meios são partes constitutivas do sentido, “(...) bem como a maneira com que ele se formula, se constitui e circula” (DIAS, 2016b, p. 166). Orlandi (2005a) afirma que a informatização do conhecimento se desloca em paralelo com a informatização da sociedade, conectando fundamentalmente a relação entre a linguagem e a sociedade, na qual não há como se mexer em uma sem mexer em outra. Dias (2009, p. 9) afirma

que “(...) a linguagem é, pois, o eixo central da produção de todo e qualquer conhecimento sobre si, sobre o mundo, através da tecnologia”.

[...] pois no mesmo instante em que o sujeito produz e pratica uma técnica para se dizer e se relacionar com o outro, ele produz uma “mexida” na estrutura da língua. Sabemos que língua e cultura não se separam, sendo assim, no momento em que o sujeito é afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnológica dominante, há, necessariamente, repercussões na língua (DIAS, 2009, p. 9).

Dias (2009) sustenta que o funcionamento do conhecimento é deslocado em uma materialidade específica e este é o modo com que um discurso circula, sendo parte do seu processo de significação. A língua em sua materialidade digital, segundo a autora, significa diferentemente e aí é possível observar seu funcionamento por exemplo, na forma da escrita que surge com a expansão da comunicação nas redes sociais e nas comunidades virtuais.

O discurso circula e produz sentido em um espaço determinado que é estabelecido como um espaço de interpretação. Orlandi (2005a) entende que a internet possui sua linguagem própria e é o responsável pelo sistema da língua que “põe em relação sujeito e sentidos” e, dessa forma, cria um padrão no que diz respeito à língua ao seu movimento histórico, cultural e social. Historicamente, ocorreu o surgimento da expansão da internet e o âmbito social possui relação com esse surgimento, possibilitando um movimento social e urbano que resulta na cibercultura, essa, por sua vez, está ligada às tribos e suas linguagens específicas (DIAS, 2011a).

Estas questões, segundo a autora, a língua e o discurso se produzem sobre ela, em espaços digitais de constituição do sujeito. Espaço no qual o sujeito demonstra “livremente” o seu desejo por meio da escrita. Dessa forma, o sujeito e os modos de subjetivação é o que torna capaz de refletir e introduzir a língua em uma espacialidade que funda um modo específico de dizer.

2.2 A CIDADE NO DIGITAL: O DISCURSO NO E-URBANO

As Tecnologias da Informação e Comunicação têm apresentado grande transformação nas últimas décadas, permitindo, inclusive, que a cidade ultrapasse a noção de território físico e vislumbre uma nova oportunidade de relacionamento entre a cidade e o cidadão por meio da internet e das redes sociais e, com isso, possibilita também a compreensão da produção de sentidos e do funcionamento da sociedade contemporânea. Dias (2011a) ressalta a importância de instituir o eletrônico em sua

estrutura de funcionamento e busca compreender os movimentos da cidade, bem como suas vias de circulação do sentido, seus instrumentos, o deslocamento dos sujeitos, os lugares, a sua materialidade significativa. A autora afirma que o espaço digital se sobrepõe e significa na junção do espaço urbano. A relação de mão dupla entre o eletrônico e o urbano abrange as noções que se refere às relações sociais, o funcionamento da ideologia, os efeitos de sentido, o político, os conflitos e as tensões.

Dias (2011a) compreende que o espaço urbano considera a discursividade do eletrônico. Nos diferentes lugares em que perpassa o sujeito, ele é afetado pela discursividade do eletrônico, no qual essa discursividade não se faz presente no acesso à internet, nos objetos, na relação entre eles, ou no acesso a eles. Para a autora, a discursividade do eletrônico se encontra no processo histórico e ideológico de significação da sociedade moderna do modo como estamos, somos e significamos por meio dos espaços e através deles significamos e, com isso, ocorre a individualização pelo Estado na forma do discurso da tecnologia. Nessa discursividade, a informação se sucede como excesso no qual resulta a uma saturação do sentido e, dessa forma, não é capaz de dar margens a interpretação. Contudo, no que se refere ao sujeito, desloca-se o sentido e resiste no movimento de compreensão da subjetividade. No que se refere à discursividade do eletrônico no espaço urbano, Dias (2011b) ressalta que...

O “e-”, de eletrônico, passa a constituir o espaço urbano em sua própria formulação. Dessa forma, quando nos referimos a uma série de palavras que fazem parte hoje da nossa urbanidade, tais como e-book, e-learning, e-busines, e-gov e outras como, e-comércio, e-cidadania, e-compras, estas são tomadas, de modo geral, na evidência do sentido, como se o eletrônico fosse um sentido natural para todos (DIAS, 2011b, p. 11).

Contudo, considerando o “(...) sentido da palavra eletrônico no dicionário é apresentado como: “Adj. Relativo à eletrônica”. Eletrônica” (DIAS, 2011b, p 11). A autora afirma que o eletrônico possui a função de qualificar cada um dos substantivos, dessa forma, há o livro eletrônico, o correio eletrônico, comércio eletrônico, governo eletrônico, correio eletrônico e a cidadania eletrônica. No entanto, o sentido guiado pelo dicionário, segundo a autora, é bem distinto do sentido que essa palavra produz na vida cotidiana, nas instituições, bem como no modo de subjetivação do sujeito da sociedade da informação. Esse sentido outro, opaco, é gerado pelo modo como a língua se inscreve na história. A formulação inscrita em uma discursividade resulta na materialidade, desse modo, Dias (2011b) afirma que:

A significação do livro, do comércio, da forma de governo, da aprendizagem, da troca de correspondência, nas formulações compostas pelo e- (eletrônico), não é a mesma que nas formulações sem o e-. Book ou Learning, cidadania ou comércio, são, por exemplo, palavras cuja materialidade é distinta, pois têm outra relação com a exterioridade. A forma material das palavras compostas pelo e- é um processo de construção do sentido do mundo determinado pelo eletrônico, pelas telecomunicações, pela comunicação em rede, digital, enfim, desse processo de globalização (DIAS, 2011b, p. 12).

Dias (2011b) ressalta que a forma material das palavras constituído pelo “e-” é um desenvolvimento do sentido do mundo definido pelo eletrônico, pela comunicação em rede, pelas telecomunicações, digital, sendo um processo de globalização. A forma material permite com que desfaça a evidência, bem como a transparência do sentido que é produzida pela relação da linguagem com o imaginário. A materialidade do discurso estabelece a relação da língua com a exterioridade. Nessa perspectiva, o funcionamento do discurso das novas tecnologias ao analisar o e- (eletrônico), se constitui tanto na formulação de palavras, quanto na formulação de conceitos e políticas públicas.

Para Dias (2011b, p. 13), as palavras “(...) compostas com o e-derivam de um imaginário e de uma evidência do sentido da palavra e-mail. Muito provavelmente qualquer palavra composta com o e-antes do surgimento da forma “e-mail” seria questionada em seu sentido”. A parte de um processo de ressignificação do espaço urbano está na utilização dessas palavras começadas com “e-” o que leva o modo de praticar o espaço urbano. Na última década, segundo a autora, o espaço urbano vem se configurando em sua forma digital, iniciando na determinação dos sistemas eletrônicos. Os aspectos que leva a mudança no espaço da cidade fazem com que ela se modifique em função do “e-”. Nas empresas, o modo de configuração é apresentado como *e-bussines*, já no que corresponde às transações comerciais, compra, venda e pagamento é atribuído ao *e-commerce* ou e-compras.

A inclusão digital é apresentada, segundo a autora, como e-cidadania, e o que aponta como ressignificação da circulação do conhecimento e a aprendizagem da prática do ensino é expressado por *e-learning* e *e-book*. Desse modo, Dias (2011b) evidencia que a partir dos instrumentos tecnológicos que fazem parte do cotidiano, tal como os celulares, sucedem uma ressignificação da própria sociedade, aos quais instituem uma nova forma de relação entre os sujeitos e desses para com o espaço urbano. O processo de significação do urbano é definido pela materialidade do espaço. O sujeito vive e produz esse espaço, subjetivando nele.

Para Orlandi (2004), o discurso urbano traz um outro olhar para a cidade, pela materialidade do discurso, que se manifesta pela língua, na imagem, no texto, nas cenas, nas histórias, trazendo, assim, uma cidade de sentidos que manifesta o limite do significante, o simbólico. Refletindo o espaço como um significante, a cidade se respalda no simbólico político na quantidade se colocando, pois, como um espaço de interpretação particular. A cidade, para Orlandi (2011, p. 186), “(...) é injunção a trajetos, a vias, as repartições, a programas, traçados e regulamento” e evidencia a diferença entre a ordem e organização.

A noção de ordem para o real da cidade, com seus movimentos, sua forma histórica, seu real. Já a organização, que chamamos de organização urbana, está ligada ao imaginário projetado sobre a cidade, tanto pelos seus habitantes como pelos especialistas do espaço, como urbanistas, administradores etc. que, assim, se relacionam com a cidade através desse imaginário, organizando o espaço da cidade, planejando-o, calculando-o de maneira empírica ou abstrata de acordo com seus objetivos (ORLANDI, 2011, p. 693).

Orlandi (2004) destaca o trajeto pela cidade que compõe a letra urbana e seu funcionamento que traz a poesia, o rap, as inscrições, os leitores, a música, o grafite, a pichação, os nomes de rua, as rodas de conversa, os *outdoors*, os barulhos, corpos em movimentos, ou seja, os flagrantes do discurso urbano. O comum dá lugar ao extraordinário e ao complexo, enquanto os sentidos estão em desenvolvimento. A materialidade simbólica da cidade, na prática capitalista, se reduz à urbanização, desse modo, as quantidades significativas da/na cidade não se representam de forma satisfatória havendo a diferença, o conflito, o social transfere naturalmente que é evidenciado por Orlandi (2004), para sentidos da violência, sendo assim, uma metáfora mal sucedida que sustenta um imaginário que um condomínio fechado ou um shopping trazem segurança. Passando a desconfiar de todos que estão postos fora. Segundo Orlandi (2011), a cidade, pensada discursivamente, deve ser entendida como um espaço de interpretação, não se trata de um vazio e nem mesmo uma função. A materialidade da cidade se contrasta com o simbólico e o político. A autora ressalta que a cidade se materializa em um espaço e esse lugar possui significado:

[...] nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço, citadino, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados. O corpo dos sujeitos está atado ao corpo da cidade e estes são significados por essa ligação. E de tal modo se articulam que o destino de um não se separa do destino do outro, em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo dos sujeitos e o corpo da

cidade formam um só. Nosso corpo, urbano, que se textualiza como um corpo de cidade, ocupa um espaço e é ocupado por ele (ORLANDI, 2011, p. 695).

Orlandi (2011) afirma que a cidade é confundida, ou seja, existe uma sobreposição do urbano na cidade, no qual a cidade é significada pelo urbano e, desse modo, não reflete o real da cidade, pois precisamente é o imaginário que atua como “(...) espaço empírico, já preenchido, ou como um espaço abstrato, calculável, administrado por especialistas da gestão pública: com seus planos, projetos, políticas públicas etc.” (ORLANDI, 2011, p. 695). A autora ressalta que cidade, repelida pelo urbano, é significada pelos padrões capitalistas. O urbano se sobrepõe a cidade e esta, por sua vez, é identificada como o social, isto é, as relações sociais são classificadas equivalente as relações urbanas, “(...) o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade, agora declinada pelo imaginário que solda a cidade e o social, podemos dizer que o corpo social e o corpo urbano formam um só” (ORLANDI, 2011 p. 695). No que se refere aos efeitos sobre os sujeitos, a autora ressalta que:

A ingerência sobre o urbano é a ingerência sobre os sujeitos, tal como eles são significados no imaginário social. Em nossas reflexões temos procurado considerar a cidade em seu real, atravessando com nossa observação, sustentada pela teoria e o método da Análise do Discurso, o imaginário que institui este jogo de sentidos entre o urbano, a cidade e o social, envolvendo nele os sujeitos (ORLANDI, 2011, p. 695).

Nesse âmbito, a autora tem como principal objetivo evidenciar a relação entre o espaço da cidade e a relação com a sociedade. A cidade não é constituída pelo abstrato ou empírico, e sim, enquanto espaço material, histórico, social e significativo. Orlandi (2011) reflete:

[...] o sujeito pensado por uma teoria não subjetiva, em que contam em sua constituição, assim como na dos sentidos que ele pratica, o social, o histórico, o político, assim como o inconsciente e a ideologia. Mas não só. Não podemos deixar, quando pensamos a relação cidade/sociedade, introduzindo aí a questão de seus sujeitos, de articular, como diz Pêcheux (1981), o simbólico com o político. Daí que este sujeito cidadão o é nos termos em que se constitui como forma sujeito histórica, ou seja, capitalista (ORLANDI, 2011, p. 695).

Segundo a autora, o sujeito é resultado da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia: “(...) este sujeito, ou forma sujeito histórica, assim constituída, enquanto sujeito capitalista, é en-formada, se sustenta pelo jurídico. Temos aí um sujeito de direito e de deveres, um sujeito ao mesmo tempo livre, dono de sua vontade, e responsável” (ORLANDI, 2011, p. 695-696). Assim, o conceito de e-urbano perpassa

pela questão do funcionamento da discursividade do eletrônico na constituição do espaço urbano e na constituição do sujeito que circula pelo espaço urbano. O sujeito, portanto, emerge entre significantes, atravessado por um jogo de releituras e expectativas de interpretação e, assim, o sujeito não emerge pela percepção de seu assujeitamento ao “já dito”, mas como um estrategista entre os significantes e, isso, de acordo com Pêcheux (1990a), é a prova que a natureza da língua e da linguagem faz parte de um jogo político em aberto e cujas regras não lhe cabe ajuizar.

2.3 AS REDES SOCIAIS E O FACEBOOK

As redes sociais, segundo Dias e Couto (2011), são:

[...] ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento. A sociabilidade nas redes sociais, como o Orkut, Facebook e Twitter, não tem as mesmas condições de produção que a sociabilidade em espaços escolares ou universitários, por exemplo, e essa é uma diferença importante para compreender a divulgação de conhecimento em (dis)curso na sociedade contemporânea (DIAS; COUTO, 2011, p. 636).

Nessa perspectiva, o “(...) imaginário que rege essas relações é diferente do imaginário que rege as relações nas redes sociais. Não esquecendo que imaginário é aquilo que “medeia a relação do sujeito com suas condições de existência” (ORLANDI, 1994, p. 56). Nesse contexto, as redes sociais e a interposição do sujeito com as condições de existência, bem como sua relação com o modo de constituição dele mesmo nesse espaço é atribuído pela “(...) formulação e circulação de um conhecimento do/no mundo, de um saber. É desse modo que as redes sociais aqui em questão se organizam para constituir um sujeito do conhecimento e que, ao mesmo tempo, é produtor de conhecimento” (DIAS; COUTO, 2011, p. 637).

No que se refere ao Facebook, isso pode ser observado pelo modo de circulação, pelo compartilhamento de textos, vídeos, eventos, artigos, campanhas, lançamento de livros, dentre outros. Dessa forma, apresenta-se como as novas configurações e formas de aprendizado, no qual a constituição, formulação e circulação do conhecimento vêm se tornando inerente ao “processo de produção do discurso” em relação a divulgação de conhecimento (ORLANDI, 2001, p. 9).

O Facebook é uma das maiores redes sociais da atualidade e foi criado em 4 de fevereiro de 2004 pelo estudante Mark Zuckerberg, no início, o The Facebook, nome apresentado pelo fundador nasceu com o propósito de conectar os estudantes

da Universidade Harvard nos Estados Unidos. A versão inicial simples e minimalista do The Facebook ganhou espaço entre os estudantes da universidade, no qual já haviam 650 alunos inscritos na rede social com apenas quatro dias de existência. Segundo o autor, no mês de março de 2004, o The Facebook foi disponibilizado aos alunos das Universidades de Stanford, Yale e Columbia que ultrapassou a marca de 30 mil usuários e no final do mesmo ano chegou a marca de um milhão.

Segundo Kirkpatrick, (2011), a empresa Facebook, diante dos inúmeros usuários, páginas de empresas e organizações que visavam alcançar cada vez mais pessoas e evidenciar sua existência, produziu um algoritmo, cujo nome é EdgeRank, no qual seu principal objetivo é direcionar os conteúdos de interesse de cada usuário ao seu *feed* de notícias, fundamentado nas próprias ações dentro da página do usuário no Facebook, ou seja, cada pessoa que detém de uma conta na rede social Facebook, recebe um conteúdo único, aprimorado no que o algoritmo analisa e considera o que pode ser relevante para cada usuário em seu perfil pessoal.

O algoritmo EdgeRank contribui e determina o que é exibido a cada usuário em seu perfil pessoal. Para Kirkpatrick (2011), o algoritmo exerce seu papel, essencialmente, por meio de três variáveis e são eles: a afinidade, relevância/ peso de interação e o tempo. A primeira variável é representada com a letra “u” na fórmula, a segunda pela letra “w” e a terceira é constituída pela letra “d”. Segundo o autor, a variável “u” se refere à afinidade entre o criador e o consumidor dos conteúdos e, dessa forma, é constituído a quantidade que cada publicação recebe de interações, ou seja, a visualização de fotos, vídeos, curtidas, comentários de pessoas, amigos e fãs, sendo esses, um critério determinante.

Os perfis que possuem esse tipo de interação em suas publicações disporão uma maior visibilidade de suas mensagens serem exibidas no *feed* de notícias. No que se refere à letra “w”, a relevância/ peso de interação a cada tipo de conteúdo exibido na rede social Facebook atribui um peso diferente. Em relação às pesquisas, fotos e vídeos possui um peso maior que textos e links, desse modo, o algoritmo EdgeRank conduz aos usuários os conteúdos com maior visualidade e interação em uma quantidade maior, ou seja, o algoritmo exibe com maior quantidade os conteúdos como foto e vídeos por possuírem uma chance maior de compartilhamentos e curtidas.

Na Rede Social Facebook, os algoritmos são relevantes, manipula e define cada postagem que o usuário terá acesso e esse processo resulta das interações dos

usuários como: a curtida, o compartilhar, com quem interage, em quais páginas foram comentadas, os perfis seguidos, ou seja, a rede social Facebook está analisando todo o comportamento do usuário na rede. Visto que, as análises realizadas nas páginas das Prefeituras enfatizaram as publicações com o maior número de curtidas e de compartilhamento, ou seja, o compartilhamento nas redes sociais é uma ferramenta poderosa para aumentar o envolvimento do público com o conteúdo abordado. E o ato de “curtir” indica o interesse e o apoio do usuário à temática abordada. Tudo que é feito online está sendo observado, está sendo rastreado, está sendo medido, a cada simples ação realizada está cuidadosamente monitorada e gravada, exatamente cada imagem que você para e observa e por quanto tempo permanece observando são suficientes para indicar o próximo conteúdo a ser mostrado na *timeline*, isso é evidenciado através dos algoritmos. Algoritmo são opiniões embutidas em códigos e para uma definição de sucesso.

Assim, por meio das inter-relações do usuário na rede o algoritmo reconhece qual tipo de filiação pertence e dificulta o acesso a outros conteúdos com diferentes formações discursivas, ou seja, o usuário permanece em uma bolha, recebendo em sua *timeline* somente informações nas quais curti e compartilha e semelhantes as mesmas. O conceito “Bolha” criado e desenvolvido por Pariser (2012) que em seu livro “O Filtro Invisível: o que a Internet está escondendo de você” explica que o processo de filtragem de informações que ocorre por meio do algoritmo é visto como algo extraordinário, já que há uma quantidade enorme de dados que os usuários produzem diariamente.

Naturalmente, existe uma boa razão para que os filtros personalizados sejam tão fascinantes. Na atualidade, somos sobrecarregados por uma torrente de informações: 900 mil postagens em blogs, 50 milhões de tweets, mais de 60 milhões de atualizações de status no Facebook e 210 bilhões de e-mails são enviados para o éter eletrônico todos os dias. Eric Schmidt costuma ressaltar que, se gravássemos toda a comunicação humana desde o início dos tempos até 2003, precisaríamos de aproximadamente 5 bilhões de gigabytes para armazená-la. Agora, estamos criando essa mesma quantidade de dados a cada dois dias (PARISER, 2012, p. 15).

Para Pariser (2012), a filtragem é correspondida como um artifício que condiz aos custos que o sistema de navegação na internet é capaz de ter aos usuários “(...) ela traz consequências diretas para quem usa filtros personalizados (e, muito em breve, quase todos nós os usaremos, conscientemente ou não). Também gera

consequências sociais, que surgem quando uma massa de pessoas começa a viver uma existência filtrada” (PARISER, 2012, p. 18). Vale ressaltar que o algoritmo é capaz de identificar as modificações no que se refere ao comportamento dos usuários na rede e reorganiza os conteúdos exibidos ao usuário do perfil sem a necessidade da interferência humana, isto é, para se obter diferentes opiniões sobre assuntos diferenciados na *timeline*, é preciso ir além dos conteúdos já postos, visando outras perspectivas. Contrariamente disto, os usuários permaneceram imerso em uma bolha, no qual tudo que lhe é apresentado confirma o que se já o usuário acredita. O Facebook trabalha para entregar a todos conteúdos relevantes e relacionados ao estilo de vida tendo em vista o grande índice de engajamento que a publicação gera, pois, quanto maior o a movimentação e o frenesi de uma publicação, maior a possibilidade do usuário se interessar pelo assunto, mesmo que seja mera curiosidade.

Um dos pilares que move o Facebook são os usuários e, segundo Adorno (2002), é constituído por três modelos, são eles: as curtidas, os compartilhamentos e os comentários. Para o autor, um padrão simples que é utilizado em avaliações de posts, páginas e comentários são as curtidas. Adorno (2002, p. 33) afirma que com a estandardização “(...) o individual se reduz à capacidade que tem o universal de assinalar o acidental com uma marca tão indelével a ponto de torná-lo de imediato identificável”. Dessa forma, as reações, bem como as curtidas promovem a uniformização da diversidade, no qual responde de forma rápida e adequada ao clicar o mesmo botão.

A curtaida no Facebook evidência o interesse, a filiação e/ou afetividade dos usuários ao positivar como forma de prêmio ao conteúdo. Desse modo, indica que uma quantidade maior de curtidas atrai a atenção em algum fator constitutivo do enunciado, seja ele visual, sonoro ou verbal e dessa forma, manifesta seu apreço aos membros do Facebook. Para compreender melhor a dimensão das curtidas na rede social Facebook é necessário reconhecer a relevância social desses dispositivos entre os usuários da rede. Nesse contexto, ocorre um sistema de gratificação abrupto, no qual determina um sistema de transferência de capital simbólico entre diferentes membros do Facebook. Para Bourdieu (1989), o capital simbólico é definido:

- Outro nome da distinção - não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição,

quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio. As distinções, enquanto transfigurações simbólicas das diferenças de facto, e mais geralmente, os níveis, ordens, graus ou quaisquer outras hierarquias simbólicas, são produto da aplicação de esquemas de construção que, como por exemplo os pares de adjectivos empregados para enunciar a maior parte dos juízos sociais, são produto da incorporação das estruturas a que eles se aplicam; e o reconhecimento da legitimidade mais absoluta não é outra coisa senão a apreensão do mundo comum como coisa evidente, natural, que resulta da coincidência quase perfeita das estruturas objectivas e das estruturas incorporadas (BOURDIEU, 1989, p. 145).

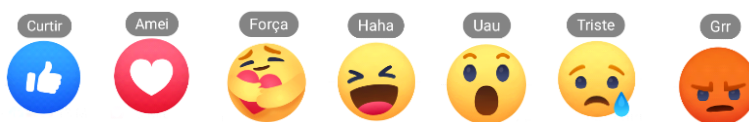
Sob outras perspectivas de capital simbólico é constituído por meio da cultura, do económico e do social em que se modifica uma vez que são distinguidos e determinados como autênticos e verdadeiro. Logo, como forma de resposta imediata do Facebook esse tipo de capital, torna-se, portanto, moedas acumuláveis e quantificada entre os membros da rede. Em relação ao símbolo original da curtida na rede social Facebook, refere-se a uma ilustração que comumente na língua portuguesa é o “sinal de positivo”. Segundo Sherzer (1991), essa expressão se refere às típicas linguagens corporal no ocidente, no qual aludi a antiguidade clássica. Para Morris et al. (1979), tal gesticulação é estabelecida pela expressão corporal de modo dicotômica entre o positivo e o negativo, polegares direcionado para cima e para baixo, respectivamente.

Sherzer (1991) evidencia que no Brasil o uso do polegar sinalizado para cima é principalmente produtivo e um costume tradicional. Contrariamente, em diversas nações, o uso desse sinal é aplicado em diferentes ocasiões habituais da vida social, tal como agradecer e despedir. O ato de positivar diz respeito a determinação de alguma ação ou enunciado sem o auxílio do verbal. A utilização do “sinal de positivo” expressa, portanto, de modo geral, em uma conjectura favorável que corresponde a alguém ou a algo. A co-criadora Pearlman (2009) do botão de curtir na rede social Facebook no blog oficial da empresa revela que o estímulo para a origem desse dispositivo é possibilitar e promover um atalho eficiente para substituir conteúdos afetuosos nos enunciados para expressões reduzidas como “parabéns” e “incrível”. Dessa forma, com a simplificação estabelecida e produzida desse botão, tornou-se mais simples e eficiente em que uma curtida é motivada por diversos fatores.

A diversidade e a quantidade de usuários da rede social Facebook ao curtir um mesmo post tende a ser direcionada em diferentes razões e podem ser elas: o interesse pelo conteúdo e o tema abordado, a aprovação do argumento exibido seja

ele por algum sujeito autor ou da própria descrição do post, afeição estética da imagem ou ainda, relação ideológica parcial ou total com temática apresentada. A curtida na rede social também pode ser empregada de forma irônica em que ocorre uma falsa demonstração e apreciação de/ por algo que de fato o usuário não possui nenhuma predileção, aceitação, aprovação ou algum tipo de emoção positiva. As respostas pelas diferentes motivações são postas em harmonia sob uma mesma expressão sónica, visto que a padronização a reduz em uma apresentação similar. A rede social Facebook disponibilizou gradativamente aos usuários formas prefixadas de como se posicionar em um determinado post. As atualizações da empresa Facebook nos anos de 2015 e 2016 desenvolveram e expandiram as possibilidades do modo de curtir em diferentes formas e tipo de reações sendo esses: o curtir (*like*), amei (*love*), haha, uau (*wow*), triste (*sad*) e grr (*angry*), conforme Figura 1.

Figura 1: Reações do Facebook (espectro)



Fonte: Facebook

O desenvolvimento de novas reações na rede social Facebook agrega novas nuances aos usuários no que concerne a uma conjectura dos conteúdos, no entanto, continua sendo expressões genéricas em que são estabelecidos e padronizados da responsividade, visto que são somente um indicador da impressão geral produzido no leitor hipertextual. Para Kirkpatrick (2011), o algoritmo EdgeRank distingue as ações “curtir”, “compartilhar” e “comentar”. Para o autor, o comentário é apontado como mais importante que a curtida, já o compartilhamento é mais relevante que comentário.

A letra “d”, no que diz respeito ao tempo da publicação, para o algoritmo o EdgeRank, quanto maior seu tempo de publicação na rede social Facebook menor será sua importância, assim, o algoritmo seleciona o que será exibido a cada usuário no *feed* de notícias. Segundo o autor, apenas 12% dos usuários, ao curtir uma página, recebem os conteúdos dela publicado de modo orgânico, ou seja, sem a necessidade de ser impulsionada financeiramente.

Para Zuazo (2018), os Cinco Grandes (Google, Microsoft, Facebook, Apple e Amazon) dominam o mundo como as grandes potências e está em suas mãos a vida de metade do planeta. Para a autora, o tecno-imperialismo e sua superclasse de forma mais eficiente nos domina, em vez de edificar palácios e grandes paredes, essas organizações se constituem em escritórios no Vale do Silício abertos e cheios de luz. Em vez de posicionar um exército em campo, distende a cada “like” a força e a cada transmutação de pregadores e padre, progride e se desenvolve “como o capitalismo” atribuído pela autora como a mais poderosa religião em que se acredita na liberdade, mas disponibilizamos voluntariamente todas as informações de vida/tempo.

Zuazo (2018) afirma ainda que essas empresas chegaram ao topo sem violência, não usaram a força e sim manuseando, manipulando, dominando e controlando partes pequenas com os códigos e os dados. Assim, embora não se trata de uma violência física, que machuca e destrói, ainda assim, caracteriza uma espécie de violência sutil e oculta, pois manipular o usuário ao que ele pode ver, compartilhar, curtir dando acesso a alguns post's e não a outros, trata-se de uma violência disfarçada, dissimulada e camuflada dando a sensação de algo que ele escolheu a interagir, enquanto, na verdade, foi imposto a ele.

Dessa forma, estabeleceu seu feudo na internet, nos celulares, nos *e-commerces*, nas “nuvens” de servidores e nos algoritmos. Para a autora, atualmente possui poucos jogadores que administram, monopolizam e dominam as grandes plataformas de tecnologia, bem como suas atividades em cada setor. Hoje essas empresas, segundo a autora, possuem um exército de membros, de relações públicas que difundem suas atividades de filantropia, sem paredes, palácios ou sangue, e assim chegaram ao topo.

Esse “neocolonialismo tecnológico” que detêm um poder enorme no qual concentra, controla e coloca em jogo não somente o equilíbrio do mercado, mas as liberdades e os direitos das pessoas por todo o mundo. Por quanto tempo permanecerá esse domínio? Já que na rede social Facebook, o administrador de uma página é capaz, por meio de um investimento financeiro, alcançar um determinado público, promovendo as publicações. O funcionamento dessa rede é definido por meio dos algoritmos no que se refere à circulação de postagem. Para a empresa é importante que os usuários mantenham a interação, pois aumenta o número de

informações viabilizadas em cada perfil, proporcionando uma maior confiabilidade dos dados estabelecidos sobre cada pessoa.

Por isso uma rede social digital fechada e comercial, como o Facebook, lança novas atualizações constantemente para facilitar o acesso aos seus usuários, aumentar as possibilidades de conexão e interação, fortalecer as relações de cada ator à sua plataforma e conquistar a fidelidade dos seus usuários (NAGASAKO, 2016, p. 13).

Para Nagasako (2016), a rede social é importante que milhares de pessoas possuam acessos e a utilizem, pois por meio dessa interação dos usuários é que ocorre o aperfeiçoamento dos serviços fornecido pela rede, ou seja, quanto mais usuários dentro desse contexto digital, maior será o número de dados coletados, contribuindo na adaptação dos usuários e na segurança para disponibilizar suas informações. Os diversos recursos disponibilizados pela rede social Facebook como curtidas, compartilhamentos, publicações perpassam o histórico de ações do usuário para uma magnitude dos conteúdos na comunidade digital.

Em virtude do histórico de interações de cada cliente (publicações, curtidas, compartilhamentos, tags utilizadas etc.), o sistema seleciona que publicações julga serem relevantes e as ordena segundo seus critérios. Além disso, o Facebook “empurra” diversas publicações pagas, que obedecem a um critério comercial, ainda que a empresa insista em considerá-las relevantes, já que são selecionadas em virtude das interações passadas. Isto é, a listagem de publicações mostradas sequencialmente em cada timeline tem uma interferência significativa do sistema informático. Observa-se, portanto, como o Facebook age como mediador, participando ativamente das associações” (PRIMO, 2015, p. 118).

Segundo Primo (2015), para entender o propósito do algoritmo que opera na rede social Facebook é preciso considerar o site como empresa, cujo principal objetivo é visar lucro aos proprietários. Os usuários na rede social são constituídos como o produto, no qual são traduzidos e retroalimentam aos algoritmos. Portanto, essas informações se tornam propriedade do Facebook, no qual os direciona e os auxilia nos anúncios pagos, como produtos, serviços ou ideias. Orlandi (2005c) reforça a ideia de que o funcionamento dos algoritmos induz o discurso autoritário, no qual evidencia a paráfrase em detrimento da polissemia.

Para a autora, a paráfrase se refere à delimitação de múltiplos sentidos, sendo preeminente sobre o que chamou de “discurso autoritário” ressaltando que os sentidos são sempre os mesmos; e a polissemia, possibilita diversos sentidos no qual prevalece o “discurso lúdico” (ORLANDI, 1998, p. 32). Para Orlandi (1998, p. 33), o

discurso autoritário “(...) se absolutiza o parcial” e é definido pelo controle da paráfrase, ou seja, ocorre a mudança de sentido e esse discurso é predominantemente encontrado nas redes sociais, pois onde existe o sujeito há a possibilidade de outros dizeres no que se sucede a falha da heterogeneidade.

A individualidade na formação do algoritmo autoriza eventualmente que a hegemonia seja quebrada. A linha do tempo do usuário do perfil instala outro discurso. Orlandi (2006b) afirma que o algoritmo exerce seu papel junto a memória metálica, inclinando-se ao discurso autoritário e sendo conveniente a repetição. Se não existisse um sujeito nessa relação com o algoritmo, ocorreria apenas a repetição, mas a heterogeneidade desse sujeito na relação com o digital promove a existência a falha.

Vale ressaltar que para Orlandi (2006b), o excesso de falhas na ação do sujeito no digital, faz com que o algoritmo se integre a essas mudanças, passando a se tornar repetição. E desse modo, passa a se inscrever na memória metálica. Logo, o usuário do perfil na rede social, ao ser inserido na bolha produzida pelos algoritmos, confirma o efeito ideológico que o faz acreditar ser a origem dos sentidos e que o leva a concordar que não há outra forma de se dizer sobre determinados temas.

Consideramos que na rede social os usuários se inscrevem em uma determinada formação discursiva, o que dificulta mover-se em outras. Esse dinamismo permite que a formação do algoritmo resgate essa possibilidade, em que a leitura se filia a uma memória, que para Pêcheux (1999) é a discursiva que é...

Aquilo que, face um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p.46).

Para Pêcheux (1999), para que se possa ler, é preciso um “já-lá”. Ao considerar o funcionamento do algoritmo na rede social Facebook, ele exerce sua função em manter o usuário dentro de um universo digital já consolidado em suas ideias e convicções, reforçando ao sujeito/usuário seus referenciais sobre determinados assuntos. A relevância desse assunto leva a entender que a forma de obtenção de lucro provém do funcionamento da rede social Facebook, desse modo, faz com que, de um lado, perpetue os serviços e, por outro, a (retro) alimente os desejos dos sujeitos capitalistas.

A vista disso, a empresa Facebook detêm a marca de dois bilhões de usuários, os quais inicialmente não são uma fonte de renda. Os lucros obtidos pela empresa resultam da capacidade de cruzar informações, as quais são enfeitadas pelo usuário que possui uma conta na rede social que, para Nagasako (2016), trata-se de um processo de relação de amizade, que visa a monetarização. Deste modo, é importante que os usuários sempre mantenham uma relação uns com os outros, o que possibilita o aumento dos números de informações disponibilizados em cada perfil e, com isso, gera uma maior confiabilidade referente aos dados gerados de cada pessoa.

Por isso uma rede social digital fechada e comercial, como o Facebook, lança novas atualizações constantemente para facilitar o acesso aos seus usuários, aumentar as possibilidades de conexão e interação, fortalecer as relações de cada ator à sua plataforma e conquistar a fidelidade dos seus usuários (NAGASAKO, 2016, p. 13).

Segundo o autor, para o Facebook é de extrema importância que milhares de pessoas utilizem e façam as interações necessárias, pois nessa matemática de dados, quanto maior o número de pessoas atuando nesse contexto digital, maiores serão os dados coletados, auxiliando e permitindo com que a rede social gere um premente desenvolvimento e aperfeiçoamento dos serviços oferecidos, instituindo então que os usuários da rede social se sintam confiantes em divulgar cada vez mais suas informações. Ao falar de informações, segundo o autor, não se refere apenas aos dados voluntários, aos quais foram deixados pelos usuários ao preencherem um formulário, cadastro ou registros em contas, como as de e-mail, bancos, sites de empresas e outros.

Pariser (2012) afirma que é nessa perceptiva a relevância dos algoritmos em coletar os dados e as informações de diferentes tipos, não apenas a rede social Facebook, mas sim de toda a internet. O algoritmo é capaz de identificar nessa coleta e no cruzamento de formações quais as necessidades de cada usuário, permitindo que determinados anúncios, propagandas sejam direcionados ao público certo. No Facebook, para o autor, essa ferramenta não se limita somente a filtragem de propaganda, mas também é responsável pela visualização das publicações dos amigos no *feed* de notícias. Desse modo, ocorre uma filtragem prévia desses dados, que visa uma das bases de atividade do algoritmo, a economia de atenção, ou seja, ainda que as postagens publicadas no *feed* de notícias correspondem aos

pensamentos antagônico do usuário da rede social e estabeleça algum tipo de interação, o algoritmo disponibilizará esse conteúdo diversas vezes.

Para Pariser (2012), a rede social Facebook não é exclusivamente a reafirmação de perspectivas, mas de fundamentos adversos. Por essa razão, baseia-se no histórico de navegação desses usuários. De acordo com Kreutz (2009), o Facebook é a rede mais prestigiada e difundida, sendo uma grande fonte de informações e levantamentos de estudos. A poderosa empresa de serviço de rede social *online*, o Facebook, ganhou espaço no mundo digital em fevereiro de 2004, criada com a finalidade de possuir um espaço para que as pessoas pudessem encontrar-se, conectar-se, conhecer novos indivíduos, compartilhar opiniões, vídeos, fotos e outras opções, as quais estão a serviço de seus usuários. O Facebook é classificado como uma comunidade virtual, no campo digital.

Segundo Dias (2011a), o digital possui uma nova característica no que se refere ao conceito da língua e do corpo, visando não se firmar sob o modelo de representação. A sociedade contemporânea e a constituição do sujeito nessa sociedade são determinadas pela tecnologia, digital, da informação e do conhecimento. Para a autora, a reflexão do sentido do espaço urbano e do espaço digital fazem com que o urbano e o digital se re-signifiquem, inclusive, o modo como o sujeito experimenta, vive o espaço, nos dando pistas para compreendermos a sociedade contemporânea (DIAS, 2011a).

As questões sobre o sujeito, a sociedade, a cidade, a mídia, o conhecimento, a divulgação científica, a autoria, a subjetividade, a ideologia, a tecnologia, fazem parte recorrente nos dias atuais. A tecnologia e o urbano pensados em sua materialidade discursiva e a constituição dos sujeitos na sociedade contemporânea nos mostram o funcionamento da discursividade do eletrônico na constituição do espaço urbano e na constituição do sujeito que circula pelo espaço urbano. Para Dias (2011a), as condições de produção que permeiam as redes de relações na internet, sejam elas, as conversas por mensagens instantâneas, as trocas nas redes sociais, todas essas relações entre os sujeitos na internet, se constituem pelo afeto.

Na Análise do Discurso, as consequências da navegação filtrada significam a homogeneidade, pelos conteúdos acessados pelo sujeito na rede social, resultando no impedimento a formulação de outros sentidos. Nesse contexto, é fundamental compreender de que forma as notícias circulam nas redes sociais e seus efeitos de

sentidos. A historicidade dos algoritmos possui relevância para compreender de que maneira opera seus efeitos. Orlandi (1997) evidencia que os sentidos recortados por meio da injunção técnica estão relacionados a uma escolha política e ideológica do sujeito. As limitações técnicas, segundo a autora, resultam no silenciamento de certas notícias, palavras e não em outras, escolhas do que pode e não pode ser publicado, estabelecendo, assim, o silêncio constitutivo.

No que se refere aos algoritmos das publicações do Facebook não significa que não haja diversas outras formas de silêncio e a produção dos efeitos de sentidos. Para Orlandi (1997, p. 76), o silêncio “(...) trabalha os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer” um exemplo, ao mover informações algorítmicas do Google para o Facebook temos um feedback desigual para as mesmas pesquisas. Esses feedbacks são modificados de acordo com cada usuário ao acessar o site e é nesse espaço entre os sujeitos que o silêncio exerce seu papel. É nesse contexto que a “dimensão técnica do silêncio” opera (DIAS, 2022).

2.4 CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo pudemos compreender como vivenciar a cidade para além do espaço físico, tendo a internet e, mais especificamente, as redes sociais como meio propulsor e incentivador. Os sujeitos que experienciam o e-urbano reconhecem seu entorno e constroem novas relações sociais e, assim, o meio digital pode contribuir para a ressignificação do espaço urbano. A discussão empreendida neste capítulo, dedicou-se a promover o entendimento sobre as redes sociais, sobretudo, o Facebook a que tem impulsionado a transformações profundas na sociedade.

Das observações realizadas neste capítulo, parece-nos pertinente indagar sobre as redes sociais e se de fato potencializam o poder do “eu”? A noção que se dá é que o sujeito/usuário está gritando desesperadamente para ser observado, no qual se sente solitário e quer potencializar o seu “eu”, pois precisa estar presente com tantos personagens em tantos espaços, sobretudo os virtuais, para que assim pessoas as possam ver. Há chances de uma virada epistemológica do século XXI em que o conhecimento atinge um novo patamar de validação. As redes sociais, a internet são ferramentas com o qual os sujeitos/indivíduos/usuários atribuem sentido e funcionamento para a utilização dessas redes como marketing pessoal, mas não são

as redes sociais e sim é uma representação de algo que se coloca entre o sujeito e o outro evidenciando que do outro lado da tela há uma vida e uma liberdade.

Nossas vidas expostas ao mundo por meio de uma espécie de coleira eletrônica na qual são oferecidas as informações alegremente. No que se refere aos algoritmos utilizados no Facebook para direcionar o que o usuário vê ou não, cabe refletirmos a seguinte questão: você está no controle? O Facebook nos revela potenciais sociotécnicos em um espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença. Pariser (2012) afirma que o algoritmo, a princípio, foi programado para fundir uma atmosfera neutra em relação a comunicação e colaboração. Na busca pela magnitude, passou a movimentar o site Facebook que é configurado por meio das regras difundidas, pouco claras e turvas, posto que a página determine normas de convívio que é atribuído pelo clichê da rede social “É gratuito e sempre será” não confirma com a realidade. O site de Zuckerberg exerce seu papel por meio dos patrocínios qualificados e bem direcionados.

O patrocínio da rede social é outorgado a pagamentos para alcançar uma maior relevância impulsionando o crescimento de números de seguidores para páginas. A sugestão é realizada exclusivamente pelo Facebook em que uma página que apareça no *feed* de notícias nunca “curtida” antes, trata-se de um link do patrocínio, o objetivo dessa sugestão é conquistar novos seguidores. Para que este processo ocorra, o Facebook cobra pela quantidade de cliques ou ao acesso a mil visualizações promovendo as postagens e, dessa forma, conseguindo atingir o público desejado, ou seja, o Facebook para além da rede social, os usuários/ sujeitos/ indivíduos são como consumidor/mercadoria. Comunicando assim, para uma empresa, para o governo e comunico ao mundo todo o meu gosto, toda a minha possibilidade de compras. Esta é uma servidão voluntária, segundo Bacon (1561-1626), oferecer informações é oferecer controle no qual define como conhecimento é poder.

A lição de Bacon é esquecida, no que diz respeito a ideia de intimidade, fechou-se o circo, os usuários das redes sociais são um exemplo jamais sonhado por De La Boétie (1999) da servidão voluntária, em que a todo instante, todos comunicam sobre tudo: viagens, restaurantes, roupas, decorações e outros. Analisando isso sobre o aspecto óbvio de pessoas vazias, no qual não há nada para preencher suas vidas, preenchem com o vazio do interesse alheio de narcisos fracos que precisam da curtida alheia para que, assim, possam solidificar-se.

Nesse contexto, De La Boétie (1999) traz uma luz: é provável que nisso esteja o desejo de submissão, o desejo de entrega, um desejo que de fato as pessoas olhem para mim e de fato mandem em mim e em meus gostos. As gaiolas durante a ditadura militar ou durante o Estado Novo ou até mesmo durante o Brasil Colônia ou períodos autoritários, eram gaiolas de chumbo, de tortura e de cerceamento de liberdade. Atualmente, a nossa gaiola é brilhante e decorada com que há de mais moderno, tornando-nos canários impotentes, incapazes de perseguir um sonho, pois passamos a seguir sonhos alheios, aos quais estão disponíveis nas redes sociais por meio dos algoritmos, como estudamos.

Por fim, De La Boétie (1999) denunciou que poderia ser derrubada a gaiola da tirania, entretanto, a nossa, possivelmente não, porque é prazeroso morar nessa gaiola. Assim, questiona-se, é possível uma mudança nesse comportamento contemporâneo? Conclui-se com a necessidade de estabelecer novos olhares sobre o espaço urbano e o espaço digital, os quais vão sendo incorporados à estrutura do sistema, constituindo novos caminhos e mesclando territórios, assim como relacionando a criação de lugares com espaço digital e real em uma proposta de repensar o espaço público, a cidade e o espaço digital, espaços estes que não são neutros, atravessados por discursos, questionamentos, ideologias e interferências, acrescenta-se a isso o que Dias (2016a, p.166) nos ensinou: “O espaço se constitui ao mesmo tempo em que o sujeito se move nele” e, por isso, os meios não são neutros e são parte constitutiva do sentidos, dos sujeitos e da própria linguagem.

CAPÍTULO 3

A REDE SOCIAL FACEBOOK: ANÁLISE DO DISCURSO DAS PÁGINAS DAS PREFEITURAS DE CIDADES BRASILEIRAS

Este capítulo é dedicado a realizar Análise do Discurso das páginas das Prefeituras das cidades de Manaus, Salvador e São Paulo, na rede social Facebook, buscando identificar os conhecimentos divulgados nessas páginas oficiais e os sentidos que a partir deles podemos produzir sobre a cidade.

3.1 DA ORDEM DA INTERPRETAÇÃO ANTES DAS ANÁLISES

Segundo Orlandi (2005a, p. 60), o trabalho do analista “(...) é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto”. O analista se propõe a restituir a opacidade do texto ao olhar do leitor (Pêcheux, 1998). Orlandi (1998, p. 45) afirma que “(...) o trabalho do analista é justamente compreender a relação entre essas duas ordens de real”. A autora revela um posicionamento crítico da Análise do Discurso no que se refere ao formalismo, destacando a ordem do discurso como importante e não a organização da língua. Para a autora, uma “(...) análise não é igual à outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais” (ORLANDI, 2005a, p. 27).

No que se refere ao discurso digital, Dias e Couto (2011) afirmam que analisar a construção, bem como o funcionamento das redes sociais na constituição de um modo de produção e de circulação do conhecimento, diz respeito a um modo de inscrição do sujeito no social. Nesse contexto, as autoras ressaltam que:

Não há subjetividade sem alteridade, e a identidade resulta de uma identificação do sujeito. Assim, é dessa identificação do sujeito com o outro (memória, interdiscurso) que ele se subjetiva e se posiciona no mundo” (DIAS; COUTO, 2011, p. 637).

No Facebook, como isso ocorre? Ao entrar no perfil do sujeito usuário, encontra-se o enunciado que questiona: “No que você está pensando?” O sujeito, nesse contexto, é interpelado a falar de si, subjetivando-se por meio de ideias, pensamentos sobre o mundo e seus acontecimentos. Dessa forma, enfatiza-se a posição do sujeito no mundo em que vive e o que lhe move, o sensibiliza, influência e o perturba, levando-o a construir o sentido do “quem sou eu”. Segundo as autoras, “(...) ao deslizar “quem sou” para “o que está” coloca-se o foco da constituição no

“outro” (aquilo que está fora, mas que é constitutivo do sujeito) e não no “eu” aquilo que o sujeito conhece, sabe, é o que o define, o que constitui o seu ego-imaginário (DIAS; COUTO, 2011, p. 639).

Ao dizer que o sujeito se constitui a cada momento sobre o que está pensando, fazendo “(...) o verbo “estar” transborda o ser (DIAS; COUTO, 2011, p. 638). No que se refere à formulação “No que você está pensando” há indícios de “(...) “quem sou eu”, o modo de existir no digital é atravessado pelo estar visível ao outro. Colocando em relação ao modo de entrada do sujeito nessas redes sociais (DIAS; COUTO, 2011, p. 638). Essa formulação do conhecimento nas redes sociais estabelece o conhecimento do sujeito/ usuário num tempo presente, num agora, do mundo em que vive, um tempo líquido que é exaurido do passado e que sobrevive ao próprio futuro. Nesse contexto, Bauman (2007) afirma:

Uma vida assim fragmentada estimula orientações “laterais”, mais do que verticais. Cada passo seguinte deve ser uma resposta a um diferente conjunto de oportunidades e a uma diferente distribuição de vantagens, exigindo assim um conjunto de diferentes habilidades e um arranjo diferente de ativos. Sucessos passados não aumentam necessariamente as probabilidades de respostas futuras, muito menos as garantem, enquanto meios atestados com exaustão no passado precisam ser inspecionados e revistos, pois podem se mostrar inúteis ou claramente contraproducentes com a mudança de circunstâncias. Um imediato e profundo esquecimento de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos pode ser mais importante para o próximo sucesso do que a memorização de lances do passado e a construção de estratégias sobre um alicerce estabelecido pelo aprendizado prévio (BAUMAN 2007, p. 9).

A cronologia do tempo, bem como as mudanças referentes ao futuro “(...) Embora triunfe o tempo breve da economia e da mídia, o fato é que nossas sociedades continuam voltadas para o futuro, menos romântico e paradoxalmente mais revolucionário, pois se dedicam a tornar tecnicamente possível o impossível” (LIPOVETSKY 2004, p. 68). Para o autor, isso advém da forma como a ciência se legitima na sociedade atual:

Alcançou-se uma etapa nova na emancipação da tutela do elemento religioso: ápice da modernidade, essa etapa é sinônimo de hipermodernização da relação com o tempo histórico. Nada de ruína da força do futuro; essa última simplesmente não é mais ideológico-política, estando agora contida na dinâmica científica. Quanto mais a época se organiza num culto democrático erigido num absoluto de novo tipo, mais os laboratórios concebem o futuro dessemelhante e trabalham para construir um universo de ficção científica, até mais inacreditável que está. A impotência para imaginar o futuro só aumenta em conjunto com a sobrepotência técnico-científica para transformar radicalmente o porvir: a febre da brevidade é apenas uma das facetas da civilização futurista hipermoderna. Enquanto o mercado estende

sua “ditadura” do curto prazo, as preocupações relativas ao porvir planetário e aos riscos ambientais assumem posição primordial no debate coletivo [...] Se o eixo do presente é dominante, ele não é absoluto [...] (LIPOVETSKY 2004, p. 68).

Sendo assim, o objetivo que norteia nossa análise é o de identificar o processo de construção e funcionamento das redes sociais na constituição de um modo de produção e de circulação do conhecimento, estabelecendo o conhecimento do sujeito no e-urbano.

3.2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS ANÁLISES

Este item tem como principal objetivo balizar os componentes importantes na constituição das análises no que se referem às páginas das Prefeituras das cidades de Manaus, Salvador e São Paulo, na rede social Facebook, identificando os critérios de escolha das cidades e dos post's. Vale ressaltar que a AD é a teoria escolhida para a realização desta pesquisa e como principal método de análise. O questionamento central é: que conhecimentos são divulgados nessas páginas oficiais e que sentidos eles produzem sobre a cidade?

O dispositivo metodológico incide sobre o eixo condutor deste trabalho que é a análise da “materialidade digital”, bem como os processos de produção e funcionamento do imaginário textualizado nas páginas de Prefeituras na rede social Facebook, por meio das publicações sobre o cotidiano da cidade.

3.2.1 Descrição dos critérios de escolha das cidades

As cidades escolhidas para realizar a AD foram: Manaus, Salvador e São Paulo. A seleção e preferência pelas cidades ocorreu da seguinte forma:

Manaus: A cidade de Manaus tornou-se mundialmente conhecida pela floresta Amazônica, pela fauna e flora, pelo ciclo da borracha e por ser a maior bacia hidrográfica do mundo com 20% da água doce do planeta e exerce significativa influência nacional e internacionalmente, seja na perspectiva ambiental, econômico e cultural.

Salvador: A cidade de Salvador é notável em todo o país e reconhecida internacionalmente pela sua gastronomia, música e arquitetura. Possui influência africana em muitos aspectos cultural tornando o centro da cultura afro-brasileira. Foi a primeira capital do Brasil, é a cidade mais antiga do continente americano e uma das primeiras cidades planejadas no mundo no período do renascimento.

São Paulo: A cidade de São Paulo é mundialmente conhecida e é o principal centro econômico, corporativo e mercantil da América do Sul, sendo a cidade mais influente no cenário global, seja no ponto de vista cultural, econômico e político e a cidade mais populosa do Brasil. Como cidade global, São Paulo abrange às principais rotas aeroviárias mundiais.

É importante ressaltar que selecionamos os perfis no Facebook a partir da descrição “Prefeitura de *[nome da cidade]*”.

3.2.2 Descrição dos critérios de escolha dos post's

O principal critério para selecionar os post's das páginas para análise foi o mês do aniversário de cada cidade, selecionando todos os post's diários do referido mês. Na sequência, dentre esses posts selecionados, realizamos uma nova seleção, agora, considerando os post's mais compartilhados e curtidos e esses foram os recortes que selecionamos para a análise. O motivo para escolha dos posts serem os dos meses do aniversário, deve-se ao fato que a data do aniversário de uma cidade é um marco histórico, trata-se de um marco fundador para a cidade e que, portanto, rege todos os efeitos imaginários de unidade daquela cidade. Nesse sentido, o imaginário é a ilusão desse referencial de que nasceu a cidade. Sendo assim, temos:

Manaus: 24 de outubro.

Salvador: 29 de março.

São Paulo: 25 de janeiro.

De posse dos dados, foram selecionados, no total, cinco post's, os quais passaremos a analisar na próxima seção.

3.3 MANAUS

3.3.1 ANÁLISE DO DISCURSO DA FOTO DA CAPA E DO PERFIL DA PREFEITURA DE MANAUS NO FACEBOOK

No Recorte abaixo, observamos o layout da página da Prefeitura de Manaus na rede social Facebook, constando a capa da página e a foto do perfil da

cidade. O perfil da Prefeitura de Manaus na rede social Facebook foi criada em 10 de fevereiro de 2010, contendo 288.502 curtidas e 312.787 seguidores⁴.

Figura 2: Página da Prefeitura de Manaus no Facebook



Fonte: Facebook

Especificamente sobre a foto da capa do Facebook, observe na figura 2 que se trata de uma paisagem essencialmente urbana com prédios e casas, sem nenhuma menção à Floresta Amazônica. Isso nos parece muito interessante, pois, geograficamente, a cidade de Manaus está localizada na região Norte do Brasil no estado do Amazonas, região muito conhecida pela maior floresta tropical do mundo, onde se concentra a maior biodiversidade e formada por árvores de grande porte. Porém, ao discursivizar Manaus através da imagem de capa, os administradores silenciam a Floresta, ou seja, ocorre o silenciamento do imaginário sobre a floresta que não está ali e se filiam a uma paisagem formada por um emaranhado de casas, edifícios, ruas e demais espaços que compõem o ambiente urbano.

A página traz a ideia de uma filiação de sentidos de Manaus a um sentido de urbanidade e uma urbanidade que é imaginária, ou seja, esse agrupamento de prédios e carros que vemos no recorte. Nada nesse recorte possui a referência da floresta amazônica.

⁴ Dados de dezembro de 2020.

Já no que se refere a foto do perfil na rede social, observa-se a imponência do brasão da cidade de Manaus, conforme pode ser observado na figura 3 de modo mais ampliado.

O brasão de uma cidade é importantíssimo, pois é um símbolo histórico de significação que marca a delimitação do território e identifica grupos, famílias ou local. Observa-se, portanto um lugar de destaque, no alto, o sol magnífico com a data de “21 de novembro de 1889”, dia em que a cidade aderiu à Proclamação da República. Os desenhos reproduzidos dentro do brasão possuem elementos que simbolizam a identidade de Manaus.

Figura 3: Brasão da cidade de Manaus



Observe que o brasão apresenta três imagens, na parte superior duas imagens: o lado esquerdo a expedição de Francisco Orellana com o Encontro das Águas um registro histórico que ocorreu no Amazonas; a fundação de Manaus. O lado direito, uma imagem que representa a fortaleza edificada pelos portugueses, as casas de palha e dois indivíduos ao centro, retratando a paz celebrada pelo casamento da filha do cacique com o comandante da Escola Militar Portuguesa. Já na parte inferior há uma imagem maior que representa um trecho do rio em relevo, a árvore símbolo da economia de Manaus no ápice do ciclo da borracha a seringueira.

Nota-se, portanto, que o brasão retrata três episódios constitutivos da memória da região e, de certo modo, até mesmo relaciona-se a floresta, evidenciando os rios, as árvores e o índio, que é o que permeia o imaginário do homem em relação

à região, diferentemente do retratado na capa do perfil do Facebook, relacionando-se a região essencialmente a questão urbana. Assim, enquanto a capa trata de visão formada por percepções dos espaços urbanos, a foto do perfil traz a ideia do que permeia o imaginário que é relação do homem com o ambiente natural e, portanto, sugere um novo ponto de vista de uma construção histórica. Tanto um quanto o outro discursivizam as relações de poder e exploração da região de Manaus, primeiro, pelos portugueses, agora, pelo capitalismo desenfreado, pela urbanização exploratória.

3.3.2 ANÁLISE DO DISCURSO DOS POST COLETADO DA PREFEITURA DE MANAUS NO FACEBOOK

RECORTE 1:

O recorte 1 trata-se de um post da página da Prefeitura de Manaus que obteve a maior quantidade da reação “curtir”. O post retrata a memória em torno da representação da morte em detrimento ao novo coronavírus e que nos parece que é quase consenso: a dor. O sentimento de perda de um ente querido revela as fraquezas humanas perante os males que a sociedade enfrenta. Na tentativa de minimizar a dor e de até homenagear as vítimas, a Prefeitura de Manaus propõe um “Momento de Oração”, talvez até mesmo para atenuar o fato de que no dia 02 de novembro, dia dedicado aos finados, ao qual é comum a visita em cemitérios, a Prefeitura os manteria fechados. Assim, ao mesmo tempo que estabelece uma medida supostamente drástica em fechar os cemitérios, substitui a data por outro evento. Temos, assim, nessa perspectiva, um discurso construído a partir de um modelo de um governo que dita regras, (pautado evidentemente em consenso de evitar a aglomeração e manter o distanciamento social) mas que também tem empatia pelo seu povo enlutado.

Cabe ressaltar que “*ir ao cemitério*” no Dia de Finados, além de ser cultural no Brasil, pode-se representar ainda um rito de “*estar mais próximo daquele que já se foi*”. Sobre isso, Lacan (1997) afirma que no luto há um buraco no real pela perda do amado e, assim, na busca pela simbolização passa a estabelecer, pelo imaginário, meios que funcionam como suporte para o enlutado⁵. E nessa perspectiva, um tipo de

⁵ “O rito introduz uma mediação em relação ao que o luto abre como buraco. Mais exatamente, a sua operação consiste em fazer coincidir com o buraco aberto pelo luto o buraco maior, o ponto x, a falta simbólica” (LACAN, 1997, p. 100-102).

simbolização, pode-se, talvez, considerar a ida a um cemitério para visitar o ente querido. Portanto, a proposição de fechar o cemitério poderia causar uma quebra nesse “rito” que foi imediatamente substituído pelo “*momento de oração*”, ou seja, o acontecimento passa a ser ressignificado por outra cerimônia que, concomitantemente, atende às normas de prevenção contra o Covid-19 e, ainda, minimiza as consequências para a subjetividade do enlutado, oriundas da exclusão da manifestação pública do luto, através do gesto de “ir ao cemitério”.

As análises empreendidas indicam que o discurso da página da Prefeitura de Manaus é o de que a cidade é “bem administrada”, é um discurso que se sustenta no consenso da consolidação dos discursos constituídos socialmente em torno da reprodução e das transformações sócio-históricas ocorridas em virtude do surto pandêmico do novo coronavírus que exigem com que as pessoas se mantenham distantes na tentativa de preservação da vida humana. No entanto, o post não faz nenhuma menção ao descaso do governo brasileiro com a Pandemia, marcado pelo negacionismo que contribuiu em grande medida para que a situação se agravasse. Inclusive, tendo sido a cidade de Manaus uma das mais atingidas pelo colapso no sistema de saúde em janeiro de 2021, pela falta de cilindros de oxigênio nos hospitais, e, ainda, pela falta de vagas para sepultamento nos cemitérios.

Observa-se ainda no post, que a linguagem se estabelece como mediação necessária entre o homem e a nova realidade social, conforme evidenciado por Orlandi (2005a). A realidade, agora, é outra, não é mais possível ir ao cemitério, pois é necessário o distanciamento social como medida preventiva de conter o novo coronavírus e, assim, coaduna-se com formulação de Pêcheux (2010), quando considera o discurso como em relação aos locutores dentro de algumas circunstâncias dadas, tanto o enunciador como o destinatário são tocados pelo simbólico e, portanto, não há uma relação linear entre ambos, isso implica que ao propor o “momento de oração”, assegura-se a permanência de uma representação imaginária, de controle e docilização da sociedade num momento de caos, que é o de homenagear os mortos.

No que se refere à imagem do recorte 1, evidencia um jogo com o imaginário e o texto, observa-se os traços desenhados na forma de uma possível igreja, é comum ver o símbolo da cruz em igrejas, cemitérios, capelas, organizações humanitárias como a Cruz vermelha, hospitais, farmácias dentre milhares de estabelecimentos.

Figura 4: Post com maior quantidade de “curtir” da Prefeitura de Manaus em 28 de outubro de 2020.

Prefeitura de Manaus 28 de outubro · 🌐

Em respeito às medidas de prevenção contra a Covid-19, os cemitérios de Manaus permanecerão fechados para visitação no Dia dos Finados, 2 de novembro.

Pensando em levar conforto às famílias que perderam seu ente querido e em homenagem às vítimas do novo coronavírus, a Prefeitura de Manaus irá realizar a live "Momento de Oração".

A transmissão terá início às 17h, na página oficial da Prefeitura no Facebook (facebook.com/prefeiturademanaus).

RELIGIÃO	REPRESENTANTE
Indígena (Etnia Sater�-Mawé)	Regina Vil�cio
Igreja Católica	Dom Leonardo/Pa. Zenildo
Protestantes Omeam (Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas)	Walter de Nazaré
Matrizes Africanas	Alberto Jorge
Gestão de Comit� Israelita	Murilo Laredo
Igreja Messiânica	Afonso de L�gorio Machado
Centro Islâmico de Manaus	Tamer Mohamed
Federação Espírita	Dilton Vasconcelos
Chagdud Gonpa (Budismo)	Iona Pinheiro

602 145 comentários 128 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Fonte: Facebook

A cruz, uma figura geométrica um símbolo ou objeto formado por duas linhas que se intersectam de maneira perpendicular, símbolo este um dos mais antigos usados por diversas religiões, povos e na es. Os sentidos que se apropriam do símbolo da cruz estão ligados desde a cruz cristã como símbolo de tortura e morte usado durante o império romano, na heráldica com a cruz malta, p tea, nórdica,

ortodoxa e nas bandeiras. No texto “*momento de oração*” em contraste com a imagem nos leva ao imaginário que a oração, a reza, o invocar, o chamar, o gritar é um alívio para a alma que sofre com a perda de alguém querido e não necessariamente a uma única religião ou crença e sim a busca pelo conforto de espírito por algo maior.

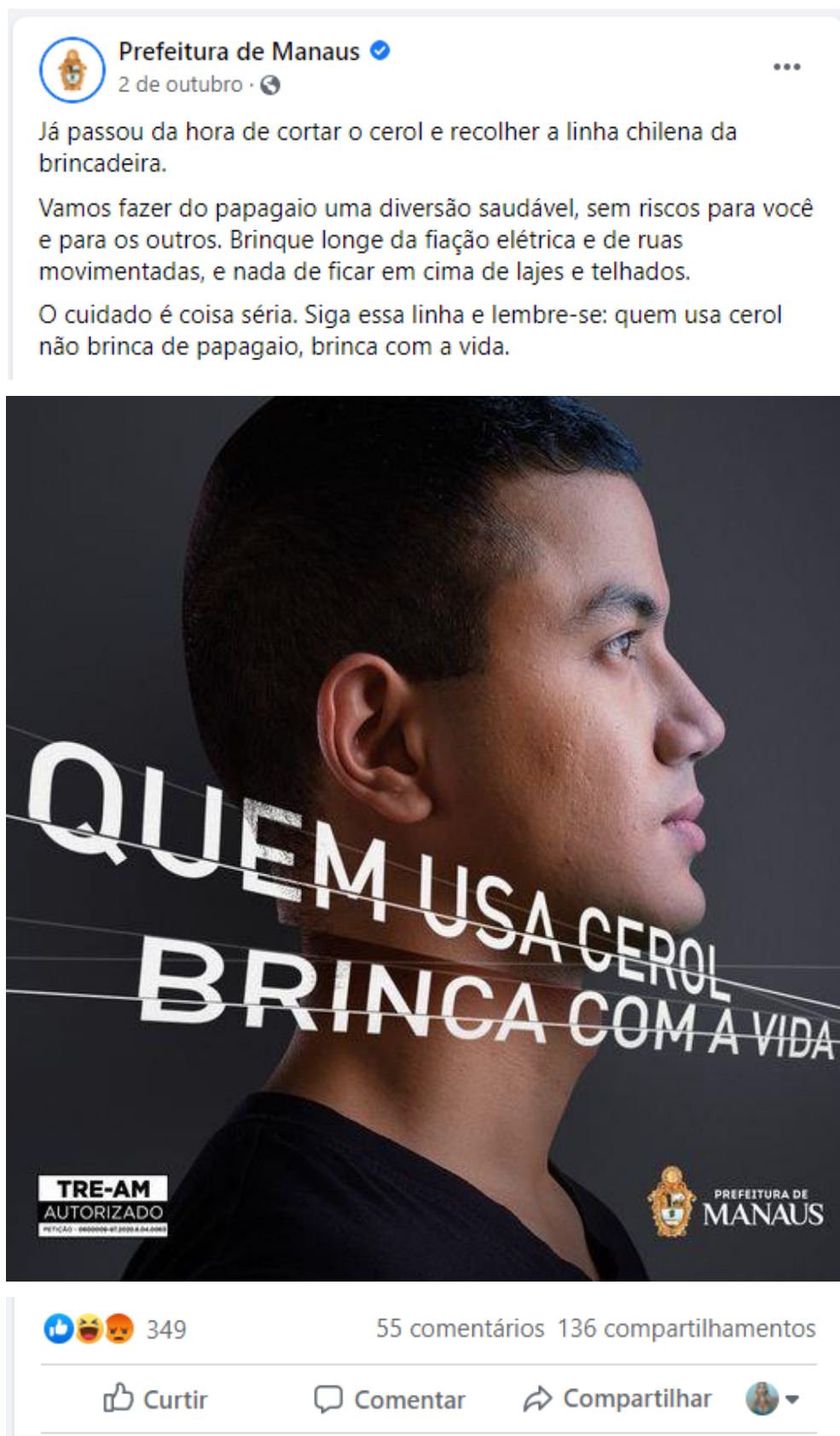
O Brasil é um país religioso e a prova disso é a Prefeitura, tido como um discurso de autoridade que pode inclusive decidir sobre fechar ou não cemitérios, propõe o “momento de oração”, entrelaçando o que muito se vê no Brasil: discurso político e religioso. No entanto, ao invés de corroborar o discurso religioso dominante e hegemônico que alicerça as práticas discursivas do país, a Prefeitura propõe o momento de diversas orações: indígena, igreja católica, protestante, matrizes africanas, espíritas etc. Esse cenário vai na contramão dos discursos do ainda atual presidente, que constantemente reafirma e fomenta a intolerância religiosa.

RECORTE 2:

O recorte 2 trata-se de um post coletado que obteve o maior número de compartilhamentos na rede social. O recorte faz um alerta àqueles que utilizam o cerol e a linha chilena. A formulação “*Já passou da hora de cortar o cerol*”, ao utilizar a palavra “cortar” no sentido de “parar de utilizar/usar”, atribuiu a palavra “cortar” um termo que não é comum a ela, pelo recurso da polissemia, mostrando que o sentido é aberto e pode ir em diferentes direções. Além disso, vale ressaltar ainda que o cerol é um cortante que é aplicado em linhas de papagaios ou pipas para cortar as linhas de outros papagaios no ar. Assim, ao usar “cortar o cerol”, dá-se a ideia de que a expressão pode ser entendida com a intenção de provocar o leitor, pois o cerol é que corta e, então, é hora de cortar o cerol. A produção de sentido pela polissemia inverte, rompe com o sentido literal, comum, do uso do cerol, metaforizando, derivando o sentido para uma filiação discurso do risco, do alerta.

O que se observa na formulação “*quem usa cerol, brinca com a vida*” é a equivocidade da palavra “cortar”, possível pela polissemia. No caso em questão, o sentido da formulação está relacionado ao corte que o cerol pode fazer em uma pessoa quando a linha atinge na altura da garganta, ao ponto de matá-la, pois há muitos acidentes com cerol que matam pessoas.

Figura 5: Post com maior quantidade de “compartilhar” da Prefeitura de Manaus em 2 de outubro de 2020.



Fonte: Facebook

A palavra “cortar”, transitivo direto, não é no sentido de separar ou dividir algo ou alguma coisa em duas ou mais partes, utilizando algum instrumento ou as próprias mãos, mas sim, trata-se de do verbo transitivo direto “interromper”, no sentido de fazer cessar. Divide-se, com isso, o sentido. Na formulação “*Vamos fazer do papagaio (...). Brinque longe de casa (...)*”, observa-se o uso do modo imperativo afirmativo, tratando-se, portanto, de um modo verbal pelo qual se expressa uma ordem ou um pedido. Na sequência a expressão “*e nada de ficar em cima de lajes e telhados*”, o termo “*nada de ficar*” produz um sentido de proximidade ao leitor, como se fosse uma mãe estar “*chamando a atenção*” de alguém. Assim, a utilização do imperativo é para alertar o usuário para que se tenha cuidado, cautela, precaução e prudência.

Já na formulação “*O cuidado é coisa séria*”, há um alerta àqueles que utilizam o cerol ou a linha chilena que a utilizam em uma espécie de desafio com finalidade recreativa que, na verdade, não é brincadeira, mas sim “*coisa séria*”, no sentido de ser algo grave, preocupante. Até porque o ato de soltar pipa é uma brincadeira, mas brincar de papagaio com cerol, torna-se uma “*coisa séria*”, pois pode tirar vidas, complementando essa ideia, portanto, com a formulação seguinte “*quem usa cerol, não brinca com o papagaio, brinca com a vida*”. Por fim, compreende-se que o texto pretende, em sua totalidade, assegurar a permanência de uma representação imaginária, para as mais diferentes possibilidades de constituição de sentido, pois encontra-se em aberto, a partir da linguagem e dos recursos linguísticos, as mesmas palavras com sentidos distintos, instaurando efeitos de sentidos no texto.

Assim, nesse processo de leitura e de interpretação do texto, o sujeito-leitor constrói a estabilidade do texto e dos sentidos esperados pelo sujeito-autor, este por último, embora espere por “estabilidade” e/ou compressão do que se enuncia, na verdade, a faz por meio da desconstrução. A utilização desse recurso, empregado no texto, coloca em evidência o jogo que se produz pelo confronto de distintas formações discursivas, a do perigo e a da diversão, uma evidenciando o sentido da outra. Assim, fala-se que uma simples brincadeira pode levar à morte e, ao brincar com a linguagem, de certa forma, minimiza ou suaviza o alerta.

No que se refere à imagem do recorte 2, observa-se um homem de perfil olhando fixamente no horizonte com linhas de cerol atravessando seu pescoço com os dizeres “*quem usa cerol, brinca com a vida*”. Uma imagem forte para alertar do

perigo, nesse sentido traz o imaginário de que o cerol é uma ferramenta de morte, pois é no pescoço que estão as principais artérias e nervos e uma vez cortadas levará o indivíduo à morte. Dessa forma, constrói-se discursivamente o sentido da preocupação da Prefeitura de Manaus com os cidadãos pelo jogo de palavras, pela metáfora, e a imagem materializa a construção desse sentido de que o uso do cerol pode matar.

3.4 SALVADOR

3.4.1 ANÁLISE DO DISCURSO DA FOTO DA CAPA E DO PERFIL DA PREFEITURA DE SALVADOR NO FACEBOOK

A página da Prefeitura de Salvador na rede social Facebook foi criada em 29 de maio de 2012, contendo 260.644 curtidas e 288.841 seguidores⁶, esta página possui como principal base o turismo. O layout da página da Prefeitura de Salvador na rede social Facebook, como pode ser observado na figura 6 consta a capa da página e a foto do perfil da cidade.

Na capa, observa-se a figura de duas celebridades do meio musical para a realização de shows da virada do ano, assim como se evidencia a importância de não se aglomerar durante as comemorações devido a pandemia do novo coronavírus. É importante citar que a capa foi publicada no início de dezembro de 2020, mês em que há comemorações de fim de ano e, geralmente, Salvador realiza shows com grandes celebridades, reunindo multidões.

Entretanto, tratava-se de um momento delicado, devido à pandemia de Covid-19, que não permitia aglomerar pessoas, pelo risco de transmissão do vírus. Observe, portanto, que a Prefeitura atrelou a diversão (que constitui o imaginário da cidade de Salvador) com a questão dos cuidados da aglomeração (momento que exigia o afastamento das pessoas para reduzir a exposição ao vírus), propondo um show online.

⁶ Dados de dezembro de 2020.

Figura 6: Página da Prefeitura de Salvador no Facebook



Fonte: Facebook

No que se refere a foto de perfil na rede social, observa-se a grandiosidade do brasão da cidade de Salvador:

Figura 7: Brasão da cidade de Salvador



O símbolo municipal da cidade de Salvador, como pode ser observado, detém na parte superior uma coroa mural contendo cinco torres que simbolizam a cidade capital. Ao fundo, tem-se uma bandeira unificada na cor azul, ao centro uma pomba que carrega em seu bico um galho de três folhas, representando a “descoberta” dos portugueses, terra na qual poderiam se estabelecer, fazendo uma analogia sobre a passagem da Bíblia que após meses dentro da arca, Noé envia uma

pomba para encontrar terra firme, voltando assim, com uma folha de oliveira em seu bico. Nota-se ainda um golfinho em cada um dos lados que sinaliza que a cidade de Salvador é um porto marítimo e está a beira-mar. A inscrição em latim: “*Sic illa ad arcam reversa est*”, que em português significa: “E ela (a pomba) retornou à arca”. Os símbolos da bandeira fazem alusão à história do dilúvio.

O brasão da cidade recupera a expressão latim, chamando a atenção para a historicidade da cidade, do lugar, do município. Historicidade essa que silencia, assim como na discursivização da cidade de Manaus, a invasão e exploração das terras brasileiras e, em especial, as de Salvador, pelos portugueses e pelo processo de colonização. Desse modo, portanto, observe-se que enquanto o brasão de Salvador retrata aspectos históricos, na capa evidencia traços da contemporaneidade, trazendo elementos que sustentam um certo imaginário sobre a cidade Salvador, como uma cidade alegre, festiva, tal como a figura de Ivete Sangalo.

3.4.2 ANÁLISE DO DISCURSO DO POST'S COLETADO DA PREFEITURA DE SALVADOR NO FACEBOOK

RECORTE 3:

No recorte 3 trata-se de um post que obteve, simultaneamente, a maior quantidade de curtidas e compartilhamentos. Para analisarmos, dividimos a descrição do recorte em 4 partes.

Na parte I do post “*Começamos a entregar cestas básicas a alunos da rede municipal e conveniada que estão com as aulas suspensas em função do coronavírus*”, pressupõe que quem é da rede pública municipal, bem como da rede conveniada são pessoas carentes e que, portanto, necessitam de ajuda.

Na parte II: “*Essa foi uma das medidas sociais adotadas para dar tranquilidade às famílias que não encontram soluções para o próprio sustento durante esse período de pandemia*”, tal posição do Estado, deve-se ao fato de que os alunos da rede pública realizam suas refeições junto à escola com o objetivo de atender as necessidades nutricionais dos alunos no período em que permanecem na escola, aliás, por vezes, alguns desses alunos, alimentam-se apenas na escola. Assim, por se tratar de uma realidade em nossa sociedade, o fato do Estado “adotar” tal medida é complementada com “*dar tranquilidade às famílias*”.

Figura 8: Post com maior quantidade de “curtir” e “compartilhar” da Prefeitura de Salvador em 23 de março de 2020.

**Prefeitura de Salvador** ✓
23 de março · 🌐

Começamos a entregar cestas básicas a alunos da rede municipal e conveniada que estão com as aulas suspensas em função do coronavírus. Essa foi uma das medidas sociais adotadas para dar tranquilidade às famílias que não encontram soluções para o próprio sustento durante esse período de pandemia. A distribuição começou pelas escolas nas quais os alunos fazem cinco refeições por dia, mas seguirá de acordo com cronograma realizado pela Secretaria Municipal de Educação. Faremos tudo o que for necessário para enfrentar esse período de tanta preocupação para nossa população!
[#SalvadorContraOCoronavírus](#)



 9,8 mil 1,4 mil comentários 2,4 mil compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar 

Fonte: Facebook

Já na parte III do post: “*A distribuição começou pelas escolas nas quais os alunos fazem cinco refeições por dia, mas seguirá de acordo com o cronograma realizado pela Secretaria Municipal de Educação*”, fica evidente que realmente se trata de crianças carentes devido à distribuição de alimentos, pois durante o período letivo faziam cinco refeições por dia, com a pandemia e a suspensão das aulas essas crianças não estão se alimentando devidamente. Dessa forma, o cronograma realizado pela Secretaria Municipal de Educação ajudaria na sobrevivência dessas crianças.

Por fim, a parte IV “*Faremos tudo o que for necessário para enfrentar esse período de tanta preocupação para nossa população!* ” O que quer dizer com a frase “*Faremos tudo*”? A palavra “faremos”, refere-se ao futuro do presente do indicativo no qual expressa uma incerteza, assim como uma ordem com relação a um fato que acontecerá em um momento posterior ao discurso. “*Faremos tudo*” o quê? Na formulação, o “tudo” que será feito, na verdade, está relacionado à alimentação, por se tratar de uma necessidade básica do ser humano.

Na mesma textualização “*nossa população*”, pergunta-se: que população é essa? Com as estruturas trabalhadas anteriormente, é possível compreender que o “nossa”, trata-se apenas da população de baixa renda, carente das escolas municipais. Pergunta-se, ainda, trata-se de toda a população? O que é uma população? “População” é um substantivo feminino que se refere a um conjunto de pessoas que habitam em um determinado lugar uma mesma área geográfica. Observa-se embora esteja escrito “*toda a população*”, na realidade, está tratando de uma população específica e não exatamente toda a população, ou seja, dentro de uma prioridade, há outra prioridade mais urgente, especificamente àqueles que estudam na rede pública. Tal afirmação sugere, portanto, que esse grupo de pessoas não se sustenta sem o auxílio do Estado, sendo, portanto, marginalizado.

Nesse sentido, todos que estão em escola pública são marginalizados? O que é marginalizado? É aquele que possui relação com a exclusão social, política, cultural e econômica, que se encontra à margem da sociedade e que não detém os mesmos direitos e acesso a alimentação, moradia, saúde e educação, sendo intensificado pela desigualdade social. Tem-se aqui, também, o sentido de que essa é a parcela da população (e não toda) mais afetada pela pandemia.

No entanto, vale ressaltar que há indivíduos que pertencem a esse conjunto, mas que nem sempre têm tal condição de marginalização, mas que de certa forma sofrem algum tipo de preconceitos, discriminação, hostilidades e violência que

causam inúmeros problemas à sua vida. A marginalização social, devido às condições sociais, os indivíduos são excluídos da sociedade e considerados inferiores. De acordo com Martins (2002, p. 10), no que se refere ao conceito “exclusão” (...) com seu uso idealista, que esconde as contradições sociais; o movimento de exclusão que busca incluir de forma distinta ... é próprio da sociedade capitalista, de modo a podermos nos referir a uma inclusão marginal”.

Assim, nesse processo de leitura e de interpretação do texto o que quer dizer esse discurso? Considerando o que conseguimos trabalhar uma possível interpretação é que o discurso do enunciador passa pela ideia do Estado provedor, que é responsável em ajudar os mais pobres no que concerne à educação, saúde e educação e, assim, na descrição apresentada, a provisão do governo é suprir pela alimentação e acabar com a fome.

No que se refere à imagem do recorte 3, observa-se uma grande quantidade de alimentos empilhados que será distribuído na pandemia, tal imagem nos remete a um suposto supermercado, a imagem do sentido muda a ideia desses alimentos, entrando assim em outro lugar de circulação e atualização de sentido. São cestas básicas para famílias que buscam ajuda com o intuito de findar a fome. Com o slogan “*A Prefeitura que mais trabalha no Brasil*” ao utilizar a palavra “mais” nos remete à noção de intensidade, lugar de produção do sentido de cidade, uma informação que determina e faz significar o quanto a cidade trabalha. Um exemplo: diante do momento de crise sanitária mundial, o que as Prefeituras fizeram sobre a questão do coronavírus?

Nota-se o esforço e a preocupação da Prefeitura de Salvador em construir sobre si um imaginário de provedora da população carente, ao “cessar” a fome. Em última análise, trata-se de um discurso político que afirma que a função do governo é o de prover o alimento, pois é um dos institutos fundamentais do direito de família, por ser um mecanismo de assegurar as deficiências vitais e sociais do indivíduo que não pode sustentar a si próprio.

3.5 SÃO PAULO

3.5.1 ANÁLISE DO DISCURSO DA FOTO DA CAPA E DO PERFIL DA PREFEITURA DE SÃO PAULO NO FACEBOOK

A página da Prefeitura de São Paulo na rede social Facebook foi criada em 22 de maio de 2014, possuindo 499.393 curtidas e 625.261 seguidores⁷. A página tem como principal foco a cidade de São Paulo e seu desenvolvimento econômico trazendo em seu bojo todas as programações culturais, inaugurações, eventos, workshop, campanhas dentre outros temas relevantes, a fim de manter seus seguidores bem informados sobre a cidade. Possuindo uma linguagem informal e direta, a página da Prefeitura de São Paulo responde todos os comentários e dúvidas de seus seguidores, bem como críticas e apoios.

Figura 9: Página da Prefeitura de São Paulo no Facebook



Fonte: Facebook

O layout da página da Prefeitura de São Paulo na rede social Facebook, como pode ser observado na figura 9 consta a capa da página e a foto do perfil da cidade. Na capa, observa-se a figura de um profissional da saúde ao lado com os dizeres: “Continue se cuidando. Se sair, use máscara”. Em um cenário de pandemia,

⁷ Dados de dezembro de 2020.

no qual se produziu essa capa, é possível aprender que seu curso e os impactos tanto no Brasil, quanto no mundo depende do esforço colaborativo de todos, poder público, famílias e cidadãos.

Assim, a figura de um médico na capa da página da Prefeitura, produz o sentido de proteção, segurança, conhecimento e cuidado por parte da Prefeitura, diante de uma realidade mundial, que, na época, apontava para uma situação de grande atenção às proporções devastadoras por todo o mundo em registros de óbitos, devido ao atraso na adoção de medidas de proteção à vida, como a vacinação da população, negada pelo governo brasileiro, por exemplo.

No que se refere à foto de perfil na rede social, observa-se o brasão da cidade de São Paulo, conforme ampliado na figura 10.

Figura10: Brasão da cidade de São Paulo



O brasão é conhecido como armas da cidade de São Paulo. Como pode ser observado na parte superior, há uma coroa mural contendo cinco torres douradas que simboliza a cidade, por ser capital. Ao centro um escudo e um braço empunham uma bandeira da cruz, muito utilizada pelos navegantes portugueses, o braço armado homenageia o espírito do povo paulistano, pronto para lutar por seus direitos. A cor vermelha traz a alusão aos sacrifícios ocorridos em batalha, nas laterais do brasão possui ramos de café, representando a cultura agrícola da cidade no período de sua criação. As quatro pontas da bandeira, bem como a haste em forma de lança localizadas ao centro lembram o bandeirismo.

O brasão da cidade de São Paulo evidencia o valor do papel da liderança da capital no estado e no país no qual exhibe seu lema na inscrição em latim “*Non ducor, duco*”, que significa “Não sou conduzido, conduzo”. Dessa forma, remete ao imaginário que a cidade de São Paulo a ideia do trabalho árduo, portanto, coaduna-se com um dos slogans da cidade de São Paulo que estamos acostumados ou habituados ouvir: “São Paulo não pode parar”, destacando uma formação discursiva que todos os esforços devem ser direcionados ao progresso chamando a atenção para a historicidade do lugar, do município, pelo brasão ou pelo slogan político, slogan em latim.

Aqui, no brasão, observa-se a mesma regularidade para a qual apontamos nas análises dos brasões das cidades de Manaus e Salvador, a presença dos portugueses e o apagamento na simbolização da cidade, da exploração e genocídios dos povos originários dessas localidades, os indígenas. Aqui, esse silenciamento é agravado pela presença do bandeirismo, movimento que massacrou e escravizou essas populações para a construção da cidade. Também na expansão cafeeira, São Paulo foi um Estado que explorou barbaramente a população negra no trabalho escravo. Todos esses sentidos estão silenciados no brasão, mas ainda assim, estão ali, significando.

3.5.2 ANÁLISE DO DISCURSO DOS POST'S COLETADOS DA PREFEITURA DE SÃO PAULO NO FACEBOOK

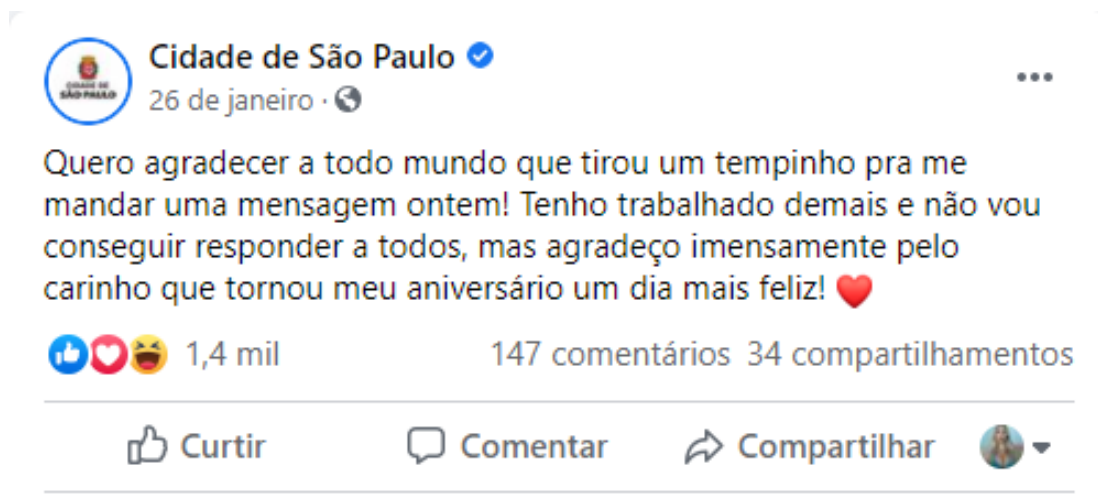
RECORTE 4:

O recorte 4 traz um post com a maior quantidade da reação “curtir”, trata-se de um recado de agradecimento a todos que se manifestaram ao dia do aniversário da cidade de São Paulo em 25 de janeiro. Observa-se, ainda, que ao utilizar a frase “*Quero agradecer*”, nota-se que a personagem fica mais próximo do leitor, mais que isso, transforma a cidade de São Paulo como se fosse uma figura humana.

Ao agradecer aos que se manifestaram pelo seu aniversário, o autor da postagem coloca-se na origem da cidade que é emoção, humana, grata, acolhedora, portanto. (“tornou meu aniversário um dia mais feliz”). Além disso, é possível notar que a formulação “*Tenho trabalhado*”, trata-se de um verbo do pretérito perfeito composto, ao qual é formado pelo verbo auxiliar “ter” conjugado no presente do indicativo e um verbo principal no particípio “trabalhado”. Essa conjugação é utilizada

para indicar uma ação repetida que ocorreu no passado e que se prolonga até o presente.

Figura 11: Post com maior quantidade de “curtir”
da Prefeitura de São Paulo em 26 de janeiro de 2020.



Fonte: Facebook

Assim, constrói-se a ideia de que São Paulo trabalhou muito antes e, ainda hoje, trabalha arduamente e, portanto, coaduna-se com um dos slogans da cidade de São Paulo que estamos acostumados ou habituados ouvir: “São Paulo não pode parar” e, de fato, a metrópole não pode parar, pois precisa avançar continuamente e a passos largos, subordinando seu planejamento urbano à decisões movidas pelo dinheiro, inclusive, talvez, se pode explicar e justificar o motivo pelo qual o autor da postagem diz: “não vou conseguir responder a todos”, pois todos os esforços devem ser direcionados ao progresso.

Diante disso, destacamos duas formações discursivas: uma em torno do sujeito “São Paulo” como figura humana e outra, tendo São Paulo como sendo o responsável pela evolução da própria cidade e, de certa maneira, do Brasil. Essa última FD sinaliza, ainda, um sujeito mais preocupado com o desenvolvimento paulistano, uma cidade que valoriza o trabalho e busca incansavelmente pelo progresso. Assim, uma figura quase que humana agradecer as manifestações de carinho e esboçar o fato de que se trabalha muito e, ainda, o leitor ao interpretar esses acontecimentos, nota-se uma relação com o imaginário, pois nesse processo interlocutivo do discurso são construídas as imagens que os sujeitos do discurso fazem de si e do outro.

RECORTE 5:

O recorte 5 é o post com o maior número de compartilhamentos da página da Prefeitura de São Paulo. O Edifício Martinelli, ao qual se refere o post, é considerado o primeiro arranha-céu da cidade de São Paulo. O período de construção ocorreu entre 1924 e 1934. O autor do projeto era o arquiteto húngaro William Fillinger, da Academia de Belas Artes de Viena.

Figura 12: Post com maior quantidade de “compartilhar” da Prefeitura de São Paulo em 4 de janeiro de 2020.



Fonte: Facebook

Ao utilizar a frase “*é um dos mais belos mirantes*”, o autor da postagem utiliza o adjetivo “belo”, indicando um atributo ao edifício, mas ao incluir o vocábulo “mais”, ele se torna um advérbio de intensidade, produzindo o sentido de quantidade,

sendo usado justamente para intensificar, acentuar algo: a beleza do edifício. É possível compreender o quão intensa é a ação do verbo ou a característica do adjetivo: não é apenas belo, mais sim muito belo. Na formulação: “*Aberto para a visita ao público*” evidencia a relação do hotel com o público que pela arquitetura com acabamentos luxuosos nota-se os elementos que identificam quem é o público para o qual o edifício Martinelli está aberto, evidencia um público com um poder aquisitivo maior, pois a maneira de viver é caracterizada por despesas excessivas e o desejo de ostentação.

Já na formulação: “*No coração da cidade*”, o autor da postagem faz uso da metáfora, produzindo sentidos figurados por meio de comparações, ou seja, ao invés de utilizar “localizado no centro da cidade” prefere metaforizar, utilizando “coração”. Ao fazer uso da metáfora é possível compreender que a palavra “coração” não se trata de um órgão vital, mas sim que se refere ao centro vital de São Paulo, estabelecendo, portanto, uma relação de sentido entre coração (centro da vida) e centro de São Paulo. Mais uma vez, pela metáfora, a cidade de São Paulo aparece humanizada: uma cidade que tem coração.

De acordo com Gadet e Pêcheux (2010), a metáfora é ilocalizável, não pelo fato de ela não existir em si, mas em decorrência da distribuição produzida por toda a língua, “em toda e qualquer produção de sentidos”, permitindo, dessa maneira, estruturar a própria realidade ordinária percebida, de modo que ela seria a responsável por sedimentar e desconstruir as evidências do mundo. Pêcheux (2010, p. 96) chama de “efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y”. Logo, é na relação do não-dito com o dito que os sujeitos conseguem perceber o real. A metáfora e a língua se fundem em um dado acontecimento discursivo, o qual irrompe no/pelo encontro entre uma atualidade e uma memória.

No que se refere à imagem do recorte 5, observa-se como pano de fundo a cidade de São Paulo com seus edifícios, trazendo a modernidade em contraste ao hotel Martinelli com sua arquitetura antiga, o contraste entre o velho e o novo.

3.6 PRINCIPAIS RESULTADOS DAS ANÁLISES: REFLEXÕES E DISCUSSÕES

Como pode ser observado nas análises acima, são cinco publicações selecionadas pelas reações “curtir” e “compartilhar” das páginas oficiais das Prefeituras das cidades de Manaus, Salvador e São Paulo. Observamos que todas as páginas traziam na capa algo relacionado às questões atuais, como a COVID 19, contrastando com as questões históricas representadas pelos brasões. Observou-se que as páginas se voltam predominantemente para os acontecimentos da própria cidade, divulgando-os, quais sejam: a educação, vagas de empregos, a gastronomia, os eventos culturais, saúde, melhorias na cidade e os principais pontos turísticos, produzindo o efeito imaginário de manter seus seguidores informados sobre todas as eventualidades a respeito da cidade.

Notou-se ainda que as páginas, por meio de seus post's, possuem uma linguagem informal e dinâmica, fazendo significar uma relação direta com seus seguidores, por meio dos comentários, como se esta relação não fosse atravessada pela materialidade da língua, da história e da ideologia. Com isso, nota-se a relação do espaço urbano, da significação da cidade, pelo digital, que produz um efeito de transparência, ao relacionar as reações das pessoas (curtir, amar, sentir raiva) à sua posição no espaço urbano, ou seja, está atrelado diretamente ao sentido de localização e as sensações provocadas por esses espaços no digital. Essa ideia se coaduna com o que Orlandi (2011) nos ensina: a cidade pensada discursivamente deve ser entendida como um espaço de interpretação, não se trata de um vazio, e nem mesmo uma função. A materialidade da cidade se contrasta com o simbólico e o político. A autora ressalta que a cidade se materializa em um espaço e esse lugar possui significado:

[...] nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço, citadino, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados. O corpo dos sujeitos está atado ao corpo da cidade e estes são significados por essa ligação. E de tal modo se articulam que o destino de um não se separa do destino do outro, em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um só. Nosso corpo, urbano, que se textualiza como um corpo de cidade, ocupa um espaço e é ocupado por ele (ORLANDI, 2011, p. 695).

Observamos também que nas análises realizadas, ora post, ora a capa do perfil da cidade, todas trazem o tema da atualidade, que é o da COVID 19 e que ressignificou as relações dos sujeitos com a cidade, pelo distanciamento social.

Compreendemos que por ter sido um acontecimento global, teve efeitos nas condições de produção mais estritas da vida na cidade, das formas de viver a cidade. Nesse sentido, as cidades se debruçaram sobre o tema das medidas de prevenção e passaram a alertar os cidadãos sobre como enfrentar a crise reduzindo os impactos da pandemia e, no caso do Brasil, do descaso, embora isso tenha sido apagado nas postagens. O simples fato de divulgar ações e medidas no meio digital pode influenciar o espaço urbano e, com isso, observa-se o espaço urbano e o espaço digital embricados de maneira constitutiva.

Sobre isso, Orlandi (2011) nos ensina que existe uma sobreposição do urbano na cidade, no qual a cidade é significada pelo urbano e, desse modo, não reflete o real da cidade, pois precisamente é o imaginário que atua como “(...) espaço empírico, já preenchido, ou como um espaço abstrato, calculável, administrado por especialistas da gestão pública: com seus planos, projetos, políticas públicas etc” (ORLANDI, 2011, p. 695). Espaço de sujeitos e significantes, espaço simbólico que evidencia um espaço em que o simbólico e o político se estruturam e instituem uma memória. Nesse contexto, os discursos se textualizam e se estruturam por relações de poder, concernindo ao analista de discurso “(...) desautomatizar a forma de ler a cidade para poder compreendê-la em seus modos de significação específicos” (ORLANDI, 2003a, p. 14).

Segundo Orlandi, a marca “constitutiva do processo de significação da cidade” (ORLANDI, 2004, p. 64) é a quantidade, que estrutura e significa esse espaço. No que se refere à quantidade é entendida como “(...) uma concentração apreciável de seres, objetos e acontecimentos em um mesmo espaço, com convergências e divergências entre suas unidades (seres, objetos, acontecimentos)” (ORLANDI, 2003b, p. 23). Para a autora, em razão da sobreposição do urbano na cidade, a quantidade intercorre meramente no âmbito administrativo, em uma instância imaginária, que silencia as contradições e retifica as relações sociais, distanciando e demarcando espaços.

Desse modo, notamos que a pandemia de Covid-19 vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos de como os gestores das cidades abordam o tema, evidenciando certo impacto do discurso digital por meio do Facebook no espaço urbano e, em última análise, mostra o funcionamento da discursividade do eletrônico na constituição do espaço urbano e na constituição do sujeito que circula pelo espaço

urbano e também interage no espaço digital, nesse sentido, há certa sobreposição do espaço digital com o espaço urbano.

Retomando o questionamento central desta pesquisa, qual seja, quais conhecimentos são divulgados nas páginas oficiais das Prefeituras de Manaus, Salvador e São Paulo para que se produza determinado sentido sobre a cidade? Quais são os sentidos produzidos sobre cada uma das cidades nos post's analisados?

Primeiramente, é importante ressaltar que as cidades são simbólicas e o que as constituem, por vezes, são representadas por meio de símbolos, tal como visualizamos nos brasões das cidades. Ao mencionarmos uma cidade, logo vem em nosso imaginário algo representativo da mesma como, por exemplo: Quando uma pessoa cita a cidade de Manaus, logo nos remete à Floresta Amazônica, à vida indígena e às manifestações folclóricas que realizam festivais todos os anos. A cidade de Salvador, por sua vez, logo nos lembra o Pelourinho, as praias, prédios coloridos, igrejas barrocas, o carnaval que reúne foliões que dançam as músicas típicas do local o samba e o axé, o Acarajé, moqueca baiana, vatapá, Mococa dentre milhares de comidas típicas da cidade.

E, por fim, quando citamos a cidade de São Paulo, lembramos que é o centro financeiro do Brasil e está entre as cidades mais populosas do mundo, com excesso de carros, poluição e grandes edifícios, constituindo uma “selva de pedra”, como é comumente conhecida. Todos esses elementos das cidades pertencem ao imaginário social que são expressas por meio das ideologias e de símbolos e, de certo modo o imaginário e a realidade viabilizam a atualização constante da vivência cotidiana e atuam nas dimensões da formação social.

Desse modo, os sentidos produzidos pelas postagens analisadas perpassam leituras e interpretações já significadas e é o próprio sujeito que realiza e constrói esse arranjo, em outras palavras, a construção dos sentidos ocorre entre os sujeitos que se comunicam entre si e com o mundo que o circunda. Sobre isso, Orlandi (2005a) nos explica que os sentidos não são propriedades privadas, sequer do autor, do leitor e não aplica a intenção e consciência dos interlocutores. Para a autora, são efeitos da troca de linguagem, visto que não se origina e não se extinguem no momento que se fala, a extensão que perpassa da “(...) constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários (ORLANDI, 1994, p. 56). Para o sujeito, a relação com o mundo é desenvolvida pela ideologia.

Com isso, outra análise que podemos fazer é que a imagem que o sujeito faz da cidade suscita a construção de diferentes representações sobre o que é a cidade, seus espaços concretos e sociais, mais que isso, a cidade não está apenas no plano geográfico, ela se relaciona diretamente com o plano imaginário, pelo digital. Essa afirmação pode ser constatada na criação dos perfis das cidades através de suas Prefeituras na rede social Facebook, que compartilham informações e os sujeitos (usuários) interagem com a página, curtindo, comentando ou compartilhando.

A cidade pelo digital é permeada pelas questões dos símbolos, das imagens que postam na página do Facebook e dos discursos que significam essas imagens e, nesse sentido, a cidade é como uma espécie de “vitrine”, pois vemos a cidade e nos enxergamos nela e vice-versa. Sobre isso, Silva (2011) afirma que na vitrine edificamos um espaço para que os outros nos olhem, mas também olharmos através dela, trata-se, portanto, de um jogo de olhares, em que uns mostram, outros veem, uns que olham como os veem e outros que veem sem saber que estão sendo vistos. Assim, notamos que o sujeito pode perceber a cidade na própria interação com a cidade, independente do espaço (seja físico ou digital), pudemos constatar que enquanto a cidade passa uma informação por meio do digital, por meio dos post's no Facebook, os cidadãos se engajam a esse sentido sinalizando com curtidas ou compartilhamentos. Se há uma informação considerada mais relevante, mais são as curtidas e os compartilhamentos.

A diferença do espaço urbano (físico) ou espaço digital é que no espaço digital, observa-se as interações das pessoas com as postagens, ora curtindo, ora compartilhando ou outra ação que a rede social permite, então, notamos que a interação com a cidade é permeada constantemente por símbolos e discursos (comentários dos sujeitos nos posts), assim, a relação desses símbolos com os sentidos configuram, talvez, uma paisagem comunicativa com um sentido urbano, onde o sujeito pode viver a cidade através do digital, em seu cotidiano. Trata-se de um jogo na edificação do sentido urbano, impregnado de símbolos e sentidos.

Sobre isso, teoricamente, Orlandi (1994) nos ensina que os sentidos, bem como a sua formulação se produzem pela ideologia e pelos efeitos imaginários. Desse modo, o sentido de uma cidade se produz pelo imaginário como uma de suas ferramentas. Desse modo, qual é a imagem que se faz das cidades analisadas? Segundo Pêcheux (1990b), a palavra fala da imagem, a descreve e a busca traduzir, mas não reflete a sua matéria visual, sequer esmiúça sua condição de efeito

estabelecido historicamente. Para o autor, a interpretação da imagem possui estrutura na teoria discursiva visando a noção de simbólico.

Para Pêcheux (1990b), não existe sentido sem a articulação do simbólico ao político, no sentido de que o simbólico não é uma etiqueta que constitui um determinado objeto, que é atribuída à categorização, ordenação, a interpretação preexiste à significação e ao político no sentido de que ocorre um embate por poder. Dessa forma, a constituição do sentido se materializa em uma relação do sujeito com a língua, logo com a imagem em sociedade, visto que cada sociedade constitui uma simbologia coletiva que sustenta o imaginário social e faz parte do interdiscurso.

Através dos post's que coletamos e analisamos, podemos ainda refletir que o imaginário de cidade está sendo significado e produzido nas páginas do Facebook pelas informações publicadas. Por exemplo, a cidade de Manaus, na reação “compartilhar”, traz a importância e o cuidado com a população sobre as linhas de cerol. A cidade de São Paulo, nas reações “curtir” e “compartilhar”, traz elementos arquitetônicos históricos para o conhecimento dos cidadãos, bem como o agradecimento e reconhecimento da população sobre o aniversário da cidade. Desse modo, as publicações, além de trazerem fatos locais da própria cidade e de seu cotidiano, ao mesmo tempo, produzem as informações no campo mundial, como a questão da pandemia, vistas nas publicações das cidades de Manaus na reação “curtir”, na cidade de Salvador nas reações “curtir” e “compartilhar”.

Esse quadro evidencia, portanto, que as cidades podem ser significadas por diferentes representações através, sobretudo, da linguagem. Todo o processo de comunicação das Prefeituras das cidades com os usuários do Facebook contribui para a compreensão das relações sociais que se estabelecem no espaço digital e se estendem ao espaço urbano, então, a forma como se organiza esses espaços e as interações cotidianas marcam corpos e espaços numa relação dialética, construindo os sujeitos e desenvolvendo o olhar sobre a cidade, contribuindo também para seu desenvolvimento como ser social.

Por fim, a discussão realizada neste Capítulo de análise das páginas das Prefeituras na rede social Facebook, dedicou-se a promover e identificar o tema central desta pesquisa, ou seja, quais são os conhecimentos divulgados nessas páginas oficiais e quais os sentidos produzidos sobre a cidade. Na esteira dessa reflexão, parece-nos importante enfatizar a questão do principal órgão público, a Prefeitura, que é responsável por diversos assuntos que impactam direto na vida dos

cidadãos. Ao acompanhar o dia a dia das cidades como: notícias, ações, programas, agenda cultural, serviços, curiosidades e muito mais, traz informações consideradas relevantes produzindo o imaginário em quem visita as páginas oficiais sobre o propósito, o compromisso e a transparência da Prefeitura, bem como da cidade, pois a Prefeitura representa a cidade e seus habitantes.

As páginas de Prefeituras oficiais das cidades no Facebook têm como objetivo democratizar a informação em que as comunicações emitidas por elas são oficiais e facilitar ao cidadão acesso aos acontecimentos pertinentes de modo simples e funcional. Mais que isso, observamos que os discursos veiculados junto às páginas do Facebook não são neutros, mas são constituídos por questões políticas e ideológicas. As reações nos posts do Facebook, ou seja, as interações dos sujeitos com o e-urbano são mantidas e alimentadas pelas trocas, que estabelecem as relações sociais, lócus das diversas representações da sociedade.

Os sentidos dos espaços urbano e digital ressignificam como o sujeito pode experimentar e viver os espaços, mais que isso, pudemos identificar que o consenso advém do imaginário e, por outro lado, o discurso permite diferentes movimentos já que ele não é homogêneo. A tentativa de analisar a constituição do imaginário a partir de um corpus constituído por alguns post's das páginas das Prefeituras no Facebook utilizando a AD como metodologia permitiu compreender a relação de sentido da cidade, do urbano, do e-urbano, dos discursos e da linguagem refletindo, sobretudo, sobre como a cidade faz sentido no sujeito e a possibilidades de novos sentidos serem construídos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão empreendida nesta pesquisa permitiu analisar questões que compõe o urbano, o digital e a divulgação. Em termos de discussão teórica, o primeiro e o segundo capítulo trouxeram os principais conceitos da AD e seus dispositivos, assim como reflexões sobre como o espaço urbano está ligado ao espaço digital e, portanto, como o digital e o urbano se constituem. No terceiro capítulo, procedemos com a Análise do Discurso das páginas das Prefeituras na rede social Facebook das cidades de Manaus, Salvador e São Paulo de modo a identificar quais os conhecimentos divulgados nessas páginas oficiais e quais os sentidos produzidos sobre a cidade.

Nossa análise teve como referencial teórico e metodológico a Análise do Discurso, o que permitiu interpretar os post's das páginas do Facebook, pressupondo uma relação constitutiva entre língua, história e sujeito. Assim, os post's analisados foram tomados como objetos discursivos que, em condições de produção próprias de uma conjuntura sócio-histórica dada, estabelecem uma relação determinada entre história, sujeito e conhecimento e, portanto, produz e trabalha uma textualidade, retomando e construindo espaços de memória e/ou de imaginários.

Das observações realizadas nesta pesquisa, como se pode observar, o esforço empreendido esteve voltado para identificar as questões do funcionamento do discurso urbano e quais os sentidos produzidos sobre a cidade a partir do digital. Procuramos mostrar em nossa reflexão e análise o modo como vão se construindo os sentidos da relação entre o homem e o meio ambiente (urbano e e-urbano), através das quais também se estabelecem relações de um sujeito urbano com a escrita, com a leitura e com a interpretação. O ponto de partida, para tanto, foi o de considerar que o texto tem relação com outros textos, e que o dito significa em relação ao não dito, mas que também tem relação com o já dito (interdiscurso) e, nesse entremeio, a ideologia tem papel fundamental na construção das ideias.

Os post's que analisamos no Facebook nos permitiram identificar, primeiramente, que o próprio Facebook se caracteriza em uma rede social que atende às demandas dos diferentes grupos sociais de uma dada sociedade e isso significa, portanto, que se organizam considerando determinadas materialidades e condições, permitindo produzir efeitos de sentido e ideológicos. O sujeito estabelece novas formas de relação social entre sujeitos de diferentes classes, desenvolvendo um

processo de assujeitamento e de individualização do sujeito urbano que está imerso no digital. Vale ressaltar que independente a quem os post's do Facebook das páginas das Prefeituras se dirija, seja ele cidadão comum, empresário, gestor, todos eles ocupam um lugar definido em uma determinada formação social e, em última análise, ocupam uma posição de sujeito que “consome” o conteúdo disponibilizado e isso significa que há em funcionamento uma discursividade, pois não se trata de mera comunicação entre o autor e o leitor dos posts, tampouco se trata de uma transmissão de informação, mas antes, trata-se de um efeito de sentidos entre os interlocutores, constituindo, portanto, as posições dos sujeitos e seus efeitos ideológicos.

Vimos também que o sujeito é interpelado ideologicamente, é afetado pela história e se inscreve na língua, essa relação afeta a constituição do sujeito e também do sentido que se constroem concomitantemente, conduzindo o entendimento do discurso como efeito de sentidos entre interlocutores, portanto, o que vimos marca as posições dos sujeitos em relação ao discurso. No caso específico dos post's do Facebook, pode-se dizer que os sujeitos que leram e reagiram aos post's foram afetados pelo conteúdo ali publicado e daí se institui o que Pêcheux (2009, p.60) chamou de efeito-leitor, de modo que “para que ele se realize, é necessário que as condições de existência deste efeito estejam dissimuladas para o próprio sujeito”.

Outra análise pertinente é como se formula o espaço da cidade dentro do digital como parte de condições de produção em que o urbano físico e o urbano digital se misturam, um constituem um ao outro, significando uma realidade de experiências que se constituem naquele espaço, construindo, desse modo, novos sentidos. Assim, esse sujeito urbano e também e-urbano participa dos processos de simbolização da cidade e, ainda que haja um discurso do urbano já posto, não podemos nos esquecer que ele é carregado de sentidos e, portanto, a relação do sujeito com as publicações do Facebook pode-se dizer que ambos se constituem em relação entre si, como outras formas de organizar o dizer urbano.

Assim, considerando o sujeito e o sentido, Orlandi (2005a) nos ensina que ambos se ligam materialmente pelo discurso, produzindo-se concomitantemente: o “sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é interpretação. Fazendo significar, ele significa” (ORLANDI, 2005a, p. 22), desse modo, compreender o processo de produção dos sentidos na cidade é, antes, explorar a posição do sujeito urbano, atestando uma estreita relação da língua e da história e, com isso, “há muito a ser significado no espaço urbano e que permanece

na falha, no possível, no ainda não realizado. Indício de novas formas sujeito, novos modos de subjetivação nesse espaço sócio-político” (ORLANDI, 2005a, p. 191).

5. REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1974.

_____. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969]. p. 53-107.

_____. Freud e Lacan. Marx e Freud: **introdução crítica-histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. Ideologie et A pareils Ideologiques d'Etat. In: **La Pensée**, Paris, n. 151, p. 3 – 38, 1970. Trad. port.de Joaquim Moura Ramos. 3ª ed. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1980.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BARROS, R. P.; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. **A Estabilidade inaceitável: desigualdade e Pobreza no Brasil**. IPEA, Textos para discussão n. 800, jun. 2001, 24p.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento a política. In (M. Castells; G.Cardoso, Orgs.) **A sociedade em rede do conhecimento à acção política**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 2005, p.17-30.

CHARAUDEAU, P.e MAINGUENEAU, D. **Diccionario de análisis del discurso**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005. 671 p.

COELHO, A. **Brace yourselves, memes are coming**. Formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

DE LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DIAS, C.P.C. **A escrita como tecnologia da linguagem**. In: Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento. Coleção HiperS@aberes. Livro Digital Volume II. SCHERER, Amanda; PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). Santa Maria. Dezembro, 2009.

_____. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. In: RODRIGUES, Eduardo. A.; SANTOS, Gabriel. L. dos.; BRANCO, Luiza. K. C. (Orgs.). **Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: RG, 2011a. p. 259-272.

_____. **e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano**. In: DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]**. Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos LABEUB/ Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2011b.

_____; COUTO, O. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias**. Linguagem em (Dis) curso, Tubarão, SC, volume 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/Q1aRhd>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

_____. A Materialidade Digital da Mobilidade Urbana: Espaço, Tecnologia e Discurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos** – Nº 37 – jan-jun 2016a.

_____. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Redisco • vitória da conquista • v. 10 • n. 2 • p. 8-20 • 2016b**.

_____. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 1-202.

_____. Discurso digital: efeito da automatização da leitura no campo teórico e analítico da Análise do Discurso. **Estudo do texto e do discurso: perspectiva contemporânea**. 2022.

FERREIRA, M. C. L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2010.

_____. A trama enfática do sujeito. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/Maria_cristina.pdf>. Acesso em: 4.fev.2020.

FACEBOOK. Disponível em: www.facebook.com.br

FACEBOOK. Manaus (AM). Prefeitura. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/prefeiturademanous>>.

FACEBOOK. Salvador (BA). Prefeitura. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/prefeituradesalvador>>.

FACEBOOK. São Paulo. Governo. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefSP>>.

GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997, ed. 3.

_____; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: O discurso na história da lingüística**. Campinas, SP: Editora RG, 2010.

GALLUCCI, L; MADEIRA, C. **Mídias Sociais, Redes Sociais e sua Importância para as Empresas no Início do Século XXI**. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1163-1.pdf>>. Acesso em: 26.maio. 2020.

GUIMARÃES, E. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

HAROCHE, C; PÊCHEUX, M; HENRY, H. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discourse (1971). In: KRISTEVA, J. (compiladora). **Langages**, Paris, n. 24. déc. 1971, p. 93 – 106.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

INDURSKY, F. **Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?** SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, II. Santa Maria, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndur sky.p df>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

KAPLAN, A. M. and HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. **Business Horizons**, v. 53 n.1, mai. 2010.

KIRKPATRICK, D. **O Efeito Facebook**. Edição digital. Rio de Janeiro: Intrínscas, 2011. 342 p.

LACAN, J. **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARTINS, J. S. Reflexão crítica sobre o tema da “exclusão social”. In: **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 45 e 46.

MARX, K; ENGELS F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MAZIÈRE, F. **A Análise do discurso. História e práticas**. Trad. Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEDEIROS, C. S. **Formação Ideológica: o conceito basilar e o avanço da teoria.** SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, IV. Santa Maria, nov. 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/CacianeSouzaDeMedeiros.pdf>> Acesso em: 16 maio. 2020.

NAGASAKO, R. S. **O paraíso da capitalização e a personificação do diabo: o caso Facebook.** Interprograma de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, 12. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/Renato-Nagasako-FCL-Trabalho-Completo.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2020.

ORLANDI, E. et al. **Sujeito e texto.** Série Cadernos PUC, nº 31, São Paulo: EDUC, 1988.

_____. “Segmentar ou recortar”. In **Linguística: questões e controvérsias**, publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Série Estudos – 10, 1984, pp. 9-26.

_____. P. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>> Acesso em: 21 out. 2020.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

_____. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico.** Rua, Campinas, 4:9-19, 1998.

_____. **Discurso e Texto.** Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Ler a cidade: o arquivo e a memória.** In.: Para uma enciclopédia da cidade. **Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003a, p. 7-20.**

_____. Polizêmico. In.: **Para uma enciclopédia da cidade.** Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003b, p. 21-63.

_____. **Cidade dos Sentidos.** Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

_____. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso.** Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, BA, n.1, p. 9-13, junho de 2005b.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2005c.

_____. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006a.

_____. **Análise do Discurso:** Conversa com Eni Orlandi. In. BARRETO, Raquel. Teias: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006b.

_____. **Interpretação:** Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **O que é linguística.** Coleção primeiros passos. 2ª. Edição – São Paulo, SP: Brasiliense, 2009.

_____. **A Casa e a Rua: Uma relação política e social.** Educ. Real. Porto Alegre, v.36, n. 3, p. 693-703, set/dez. 2011.

ORSOLI, F. Marketing e Vendas. **Introdução às Mídias Sociais.** E-BOOKS SEBRAE, 2011. Disponível em: <<https://www.sebraepr.com.br/PortalSebrae/ArquivosGratuitos/Ebook-Marketing-Digital>>. Acesso em: 20 maio. 2020.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Kahar, 2012.

PÊCHEUX, M. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento (1983). Campinas, Pontes, 1990a.

_____. **Delimitações, inversões, deslocamentos.** Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul.1990b.

_____. **Sobre a (des-) construção das teorias linguísticas.** Tradução de Faustino Machado da Silva. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, 2. ed., n. 4, out. 1998.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Org.). **Papel da memória.** Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi. et al. 4. ed. São Paulo: Unicamp, 2009.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 163-252.

_____. **Análise do Discurso:** Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

PRIMO, A. **Industrialização da amizade e a economia do curtir: estratégias de monetização em sites de redes sócias**. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/13208711/Industrializa%C3%A7%C3%A3o_da_amizade_e_a_economia_do_curtir_estrat%C3%A9gias_de_monetiza%C3%A7%C3%A3o_em_sites_de_redes_sociais?auto=download>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Editora Meridional Ltda. V.1 Ed.Meridional: Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÃO PAULO. Governo. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/historia>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

SALVADOR (BA). Prefeitura. 2020. Disponível em: <<http://www.salvador.ba.gov.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2020.

SILVA, A, 2011. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 247 p.

SHERZER, J. The Brazilian thumbs-up gesture. **Journal of Linguistic Anthropology**, v.1, n.2, p. 189-197, 1991.

TELLES, A. **A Revolução das Mídias Sociais**. 2 ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2015.

ZUAZO, N. **Los dueños de internet: Cómo nos dominan los gigantes de la tecnología y qué hacer para cambiarlo**. Debate, Buenos Aires, 2018.